Dê Almeida

RelevO

PARANÁ – JULHO DE 2015 – EDIÇÃO XV – ANO V

Jornal RelevO

julho de 2015

05 Buraco *Noemi Jaffe*

06 *André Knewitz* Museu Kodacolor dos Filmes Não Usados

10 *Bruna Motta*

12 *Angélica Maria* Perdas

14 Aproveitar a vida/o esquecimento/ estratégias para gostar *Ana Guadalupe*

15 *Maximilian Rox*

16 Libertadores Literária

18 *Otto Vasco* Deleite e pão

19 F fall / falls / fast / fell / flog *Uljana Wolf (Trad. Ricardo Pozzo)*

20 *Susana Vieira* A Máquina

22 Um romantismo www: o epistolar em tempos de ciberespaço *Jeverson Machado do Nascimento*

24 *Amanda Pimenta* Sombras de Curitiba

25 *Stefano Calgaro*

26 *Julie Fank* a n a co luto para Laerten

27 29 de março *Robson Vilalba*

28 Obscenidade Digital

29 Cenas Urbanas *Daniel Zanella*

30 *Ademir Demarchi* Cinerário

31 Terra Incógnita *Daniel Osiecki*

32 *Frida Kahlo (Trad. Jussara Salazar)*

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Guilherme de Ockham **Ombudsman** Whisner Fraga **Projeto Gráfico** Marceli Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 7 de julho de 2015.

Ilustrações

As ilustrações dessa edição são de autoria do Dê Almeida – **ensaiosobrealgumacoisa.tumblr.com/** e do Estúdio Vermelho Panda – **vermelhopanda.com**

Contato

@ jornalrelevo@gmail.com /jornalrelevo /jornal.relevo

Editorial

Poucas séries de tevê construíram um panorama literário tão interessante e confuso como *Californication*. Ao longo de sete temporadas, Hank Moody apresentou seu vasto repertório de alcoolemia, boates e drogas diversas, enquanto lutava, ao seu modo, para entregar suas encomendas no prazo e defender-se esteticamente diante de necessidades emergenciais, como contas a pagar e vida afetiva para resolver.

Na sexta temporada, uma das inúmeras moças da trama desfere uma crítica severa diante de um roteiro do protagonista, fundamental para o desdobramento da trama: "Em certos momentos, Hank, parece que você está palestrando. É fácil ser cínico no mundo atual, difícil é ser otimista".

O que ela pode dizer se trouxermos esse ideário ao nosso horizonte-chão? Bem, num panorama de economia cambaleante, tropa de choque em cima de professores, campos de trabalho que se fecham ou se precarizam ainda mais, custo do papel que aumenta a cada três meses, é bem mais simples desacreditar de tudo e montar-se sob um posto de pessimismo (e olha que nós escrevemos, de tempos em tempos, uns editoriais-cataclisma também, reconhecemos parcialmente nossa culpa no cartório).

Não que tenhamos muitos motivos para confiar que os ventos serão melhores em um futuro mais próximo, mas o cinismo e a descrença completa na mudança do estado das coisas é uma excelente ferramenta para a letargia e, por consequência, à desistência.

Por isso, convocamos discretamente nossos anunciantes e futuros assinantes a ser um pouco mais otimistas conosco e apostar em nosso jornal: somos um periódico de custo médio e que não pretende ser abatido diante do cenário atual, realmente um tanto assustador.

Sigamos em frente.

Uma boa leitura a todos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE JUNHO DE 2015

Anunciantes
R$ 30 – Banca da Aracy; Nova Mania; Kaska's Bar (total R$ 90). **R$ 50** – Lotérica Avenida; Avon; Fisk; Joaquim; Água na Boca; Torto Bar; Celso Martini (total R$ 350). **R$ 100** – Editora Penalux; Ehlkefarma (total R$ 200). **R$ 120** – Escola da Escrita. **R$ 150** – Editora Kotter.

Assinantes
R$ 50 – Renato Ostrowski; Marcelo Fedegger; Adriano Smaniotto; Alexandra Barcellos; Monique Portela; Jandira Zanchi; Vivian Bragagnolo; Virginia Kleemann; Mariela Mei; Miriam Adelman; Júnior Bellé; Carlos Pessoa Rosa; Jorge Bittencourt; Elciane Goedert; Eduardo Lacerda; Marina Farias (total R$ 800). **R$ 100** – Celso Martini.

Despesas
Assinaturas **R$ 250** / Distribuição **R$ 120** / Impressão **R$ 1.390**

Receita **R$ 1.810**
Custo total **R$1.760**

Balanço **R$ 50**

Cartas do Leitor

Lanave & afins

Comecei a ler a edição de maio brindando com a cerveja feminina favorita do editor, a Malzebier.
Walter Bach

Da redação: Até onde nos consta, o editor do periódico só bebe cerveja com 0% de álcool.

Espetacular, o relevo, a leveza, a textura.
Jeison Giovani Heler

Linda foto de capa da Isabella Lanave.
Eder Elias Jr.

Emoticon heart. Muito bonita a edição toda! E os poemas também.
Patricia Figueiredo

Que linda a edição.
Priscila Lopes

Reclamação

Não entendo muito os critérios do editor. Sei que ele é muito severo quando alguém pede feedback interno. Já fiz isso e me arrependi. Ele é severo e ofensivo. Mas, quando leio o impresso, parece que qualquer texto pode ser publicado no **RelevO**. É como se o critério interno não fosse o mesmo critério externo. Não entendo isso.
Roger Luz

Da redação: Roger, primeiramente, o editor deste prestidigitado periódico é muito coerente. Dizem os médicos especializados (humpft!) que sua inteligência emocional é do tamanho de uma giromba, corrigindo, de uma tromba, não, do Marcelo Lomba. É isso.

Enclave

Boa tarde! Repito aqui o que disse no twitter: estou amando os poemas das edições mais recentes! Ah, eu também adoro a Enclave.
Munique Duarte

Gentileza enviar dados para eu me tornar assinante $ do **RelevO**. Obrigada.
Sandra Andréia

Da redação: Aí sim!

Ombudsman

Carla Dias

Literatura feminina? Não... Literatura.

Na edição de abril do **RelevO**, escrevi sobre o quanto me agradava a ideia de incluir material fotográfico no jornal. Habituada que sou a pegar emprestadas imagens de amigos artistas para ilustrar os meus textos – e às vezes escrevê-los ao ser inspirada por elas –, vejo na combinação delas com as palavras uma forma expressiva de se dizer importâncias. Não é cinema, ainda assim, pode se passar por cenas de um filme imaginado.

Junho chegou trazendo a concretização desse desejo de alguns, inclusive do meu. Durante o processo de seleção para a antologia de cinco anos do periódico, percebeu-se que foram publicados mais homens do que mulheres. Achei muito bacana a edição seguinte a tal descobrimento ser quase que totalmente composta por mulheres.

Isabella Lanave apresentou seu olhar aos leitores por meio da belíssima imagem de capa. Suas fotografias também se espalharam pelas páginas do jornal, dividindo espaço com as ilustrações de Sabrina Gevaerd Montibeller, estas emprestadas do zine "Nem Todo Mundo Gosta de Viver".

Mas a edição passada não foi somente enriquecida com olhares femininos. Ela foi feminina também na sua atuação como vitrine de autoras, as mulheres que trafegam pela literatura, que vão muito além da dita *literatura feminina*, essa corrente enrolada em boá com a qual a sociedade e o mercado costumam tratar o fazer literário das mulheres.

Literatura é literatura.

Aqueles que pensam que as escritoras se enveredam somente pelo universo escoado na literatura de banca de jornal – revistas especializadas e livros dos quais os títulos são nomes de mulheres – estão perdendo a oportunidade de conhecer pessoas que sabem contar histórias e chacoalhar espíritos com poesia. O dia em que pensarmos em pessoas sem nos apegarmos ao gênero, usufruiremos do feito do ser humano com mais generosidade e profundidade. A partir daí, talvez possamos parar de lutar pelo direito de ser para então sermos.

O mercado literário passa por (mais) um momento atribulado, até mais sério do que alguns dos outros momentos atribulados que já constam no seu currículo. Ainda que não faltem escritores com obras que mereçam ganhar as prateleiras das livrarias – físicas e virtuais –, anda cada vez mais complicado fazer isso acontecer. As pequenas editoras – algumas delas acostumadas a sobreviver aos percalços econômicos – são a garantia de que teremos bons livros disponíveis.

A questão continua sendo sobre como lidar com a formação do leitor. É ele, afinal, quem faz essa roda girar. "Da Crítica [1]", de Camila von Holdefer abordou a questão: "Faz sentido propor um caminho inverso em que a crítica auxiliaria na formação de leitores? É possível usar a manobra conhecida da publicidade e, ajustando o discurso, criar a demanda (pelos livros) a partir da oferta (crítica)?".

Não importa o tema, mesmo que chegue explícito, apresentado em absoluto escancaro. Ainda que mergulhe em metáforas. Nós tendemos a adaptar poemas ao nosso momento. Poesia cabe na gente, de acordo com a nossa necessidade emocional. Em Lilith, Victoria Lobbo escolheu brincar com as palavras e a imaginação do leitor: "pra meter os dedos/ numa fresta/ e sentir deslizar/ apertados entre/ duas folhas".

Assionara Souza nos mostrou – por meio de seus contos curtos, oriundos do livro "Na rua: a caminho do circo" – em "A Literatura Existe", que as histórias imaginadas para os livros se cruzam, constante e inspiradamente, com as que desfilam pelas ruas... E pelos sebos. "A moça ruiva parada em frente ao *Sebo confraria* surpreendeu-se com o vento a erguer-lhe a saia. Lá de dentro, Cristovão viu; olho treinado de cineasta amador."

"do céu, versão menor", de Cristina Judar, reverbera a beleza nascida das dores, ela que chega ao leitor na forma como a autora desnuda a violência, incutindo em momento significantemente dolente o olhar que encontra o encantamento. "O céu nunca se repetia. Doce lar de toco de estrelas, asas e coisas passageiras, eram constantes sobre ele as nuvens; sobre ela, as solas. Intercaladas em um movimento contínuo de revelar/esconder as partes íntimas do firmamento".

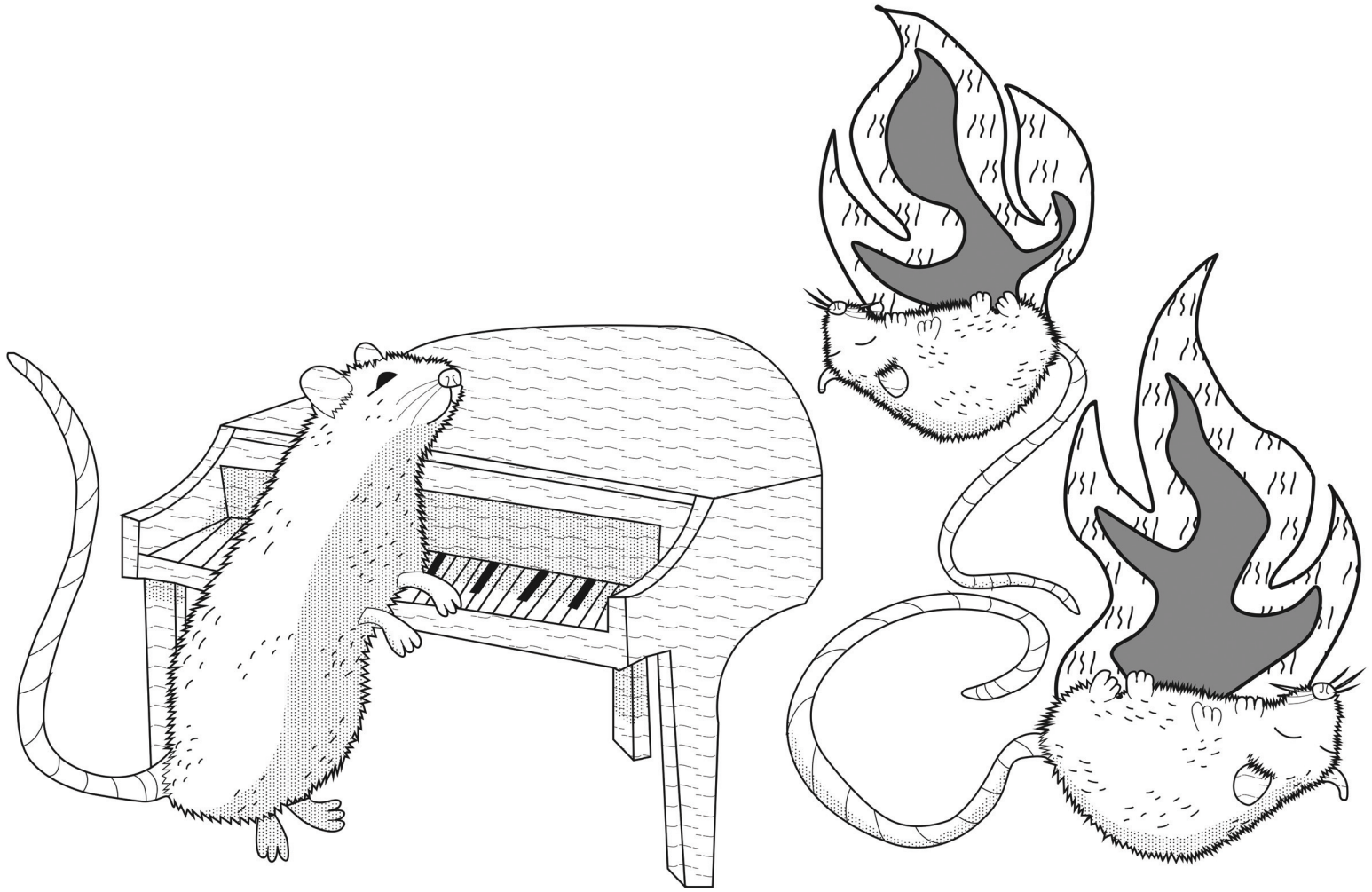
As mulheres clicadas por Lanave, na nudez que lhes cabem, assumiram posto de cenário para as palavras de Patricia Laura Figueiredo e o seu "verniz": "descascou a palavra/de todo encantamento/raspou com a faca/todo o seu verniz". Também o contrário poderia ser, e assim se apresenta a versatilidade oferecida pela arte, sempre debruçada em um desnudar constante. Há também dias em que cenário é roteiro, e outro em que o roteiro faz a vez de cenário, sempre ao gosto do sentimento vigente do freguês.

Prosa e poesia, fotografia e ilustração. A edição passada do **RelevO** nos trouxe, como sempre, boas novas literárias. Impossível comentar todas. Só posso dizer que, se você não leu a edição de junho, leia. Antes ou depois de apreciar a de julho, não importa Importante mesmo é que literatura é literatura, e por meio dela, homens e mulheres exercitam a contemplação. •

Noemi Jaffe

buraco

acode, mãe. o que foi, filha? é o sumiço, mãe, esse buraco, essas coisas que eu tinha e não tenho, as coisas que eu não tinha também, o que eu perdi, o que eu ainda não tive, as coisas que passaram, as coisas que ainda não chegaram, a hora que você não podia estar lá quando aquilo sumiu, e depois aquilo outro, e o meu pescoço, mãe, que não foi cortado, mãe, cadê eles? eles já foram, filha, já foram. é isso, mãe, para onde? e lá, mãe, e eles, eles têm a coisa? eu não sei, minha filha. quem tem? por que lá é lá?



6

Museu Kodacolor dos Filmes Não Usados

André Knewitz

Dê Almeida

7

E, só pra terminar, já vou antecipando a solução: pular de um edifício. Sim! Buscar a redenção. Vou, pois é. Não agora, mas depois. E esse não sou eu, é outro. Em cima do telhado, com um terapeuta estagiário dividindo um cigarro. A coisa não vai nada bem. O povo lá embaixo gritando. O povo lá embaixo tem gritado muito. Sempre foi uma cidade tão cordata, tão íntegra, tão pacata. Estou projetando para daqui a seis, nove meses. Minhas perninhas balançando, lá em cima do telhado. A sina me acompanha, até porque já estou naquelas de chamar as pessoas por outros nomes, nomes de coisas banais. Tem o Pipoca, o Incenso e a Parafuseta. Na última balada que estive, contra a vontade, Rabo de Poodle, Coxinha de Poodle, Orelha de Poodle e Bunda de Poodle sincronizavam-se em dancinhas frígidas no camarote, lado a lado, embaladas a vácuo pelo aspirador da vovó Naftalina. Meus vizinhos, o Roldana, o Esponja e dona Pantufa. Também converso com plantas, e enfiei um smartphone no vaso, a samambaia responde via twitter. No meu trabalho, o Rolha, seu Sabugo e Supositório. Todos em cargos superiores. A coisa, repito, não vai nada bem. Os outros também andam dizendo por aí que a coisa não vai nada bem. Um dia, o negócio explode. Essa situação não vai durar muito tempo. O que me preocupa é qual será a situação que vai entrar no lugar desta situação. Qual? Se for a situação daquele ali, com jeito de alemão, eu não sei aonde vamos parar. Aonde EEEEUUU vou parar, os outros vão com ele. A maioria, talvez. A coisa não vai bem. E vai ser assim, daqui pra frente, lá vou estar no telhado, eu não, ele, o outro, como já falei, esse não sou eu, pois eu sou eu agora e ele sou eu distanciado no futuro diferente de mim hoje aqui, outro em mim e mim com ele olhando para baixo comigo nele, um sujeito qualquer, agora aqui me lembrando do futuro que vai acontecer-lhe pra mim lá, ainda que outro, um sujeito qualquer, não eu, porém mim de carne nesse sujeito (e já chega de entrefácios, hoje é vinte de setembro e ainda não cantei o hino). Estou projetando, de modo nítido, nem Jabor filmaria melhor eu/ele no telhado do prédio bem alto com o sujeito sentado. Não. Melhor não. Ninguém vai lhe escutar estando num prédio bem alto. Só se colocasse o microfone numa escada magirus, e também não sei quanto o Corpo de Bombeiros cobraria pra isso. Melhor no telhado da biblioteca estadual, três andares. Dona Dízimo vai passar e dizer Viu só, minha filha? Quem mandou ler tanto? Vamos, corre, corre pro culto que é pra pastor tirá o alfabeto de nós. O Aspirina, seu Bina e K7 mandarão mensagens. E ainda o Supositório. Meu gerente. Anta que não consegue explanar uma ideia sequer com coerência. Tem medo de mim. Chega perto sempre tremendo, sempre suando, esses dias eu cheguei na mesa dele e disse Prolixo!, ele tremeu, piscou os olhos, tremeu feito zagueiro diante de alemão, e suou e tremeu um pouco mais. Eu desmonto Supositório nas reuniões, a idiotia é tão acachapante que quando espirra filosofa, coitado. De mim. Biblioteca, não vai ser biblioteca. Os búzios me revelam, também o tarô cigano na TV (todos os domingos, 8 e meia). Melhor um centro espírita, dois andares, no máximo, ele/eu irá. Sentado, perninhas balançando. Os exus em peso lhe amparando. Tranca-rua, capa preta, seres de luz. A Elba Ramalho ainda se alimenta do sol? Câncer de pele, copertone 30. E hoje em dia, tais seres de luz são incandescentes ou usam LED? Quem paga essa conta? Trezentas Itaipus alimentam Nosso Lar. Ele vou desistir, irá para um terreiro. Batuque, ebó, yorubá. Sem telhado, local plano, por isso o sujeito precisará de uma escada. Subir até o último degrau. Tatá Caveira que me/lhe segure, Tatá velhinho, Tatá que gosta do que nós, terráqueos, gostamos. Ele sabe o gosto de uma boa cachaça, daquelas em garrafa de palha, exportada até para Mônaco, coisa fina. Um dia ainda vou pra San Marino, no circuito de Ímola, deixar uma garrafa de cachaça na curva Tamburelo com a seguinte homenagem: Quem mandou virar tudo? Pergunto pro Supositório: você sabe por que o banco nacional quebrou em 95?, o infeliz mal articula o aparelho fonador, nervoso. O banco nacional, aquele do boné azul, sabe não por que ele quebrou? O coitado treme mais, treme muito. Eu mesmo respondo: é que a batida foi forte! A coisa toda não vai bem. Repito que andam dizendo por aí que a coisa toda nada vai bem. Ainda tem o Sabugo, gerente setorial, um homem tenso, quebra canetas quando alterado, um misto de Tônho Fagundes com general Baptista, sintetizando nos três botões abertos da camisa o King Kong de 33. Ah, ia me esquecendo da Rabo de Poodle, nossa diretora. Rabo de Poodle aperta o play e faz ribombar nas caixas de som o Tema da Vitória quando estamos longe da meta. Um pouco de mim está nela, um pouco de mim em todos os outros, o sujeito em cima da escada para eu alcançar um último vôo diante das saias rodadas (com tambores). ●

F/C

AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881

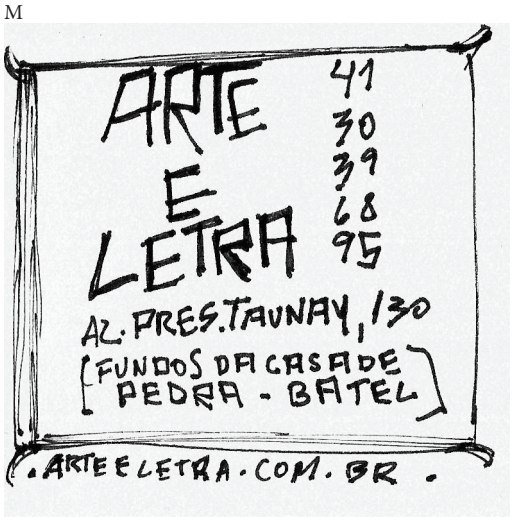
M

A

F/C

RUA AMINTAS DE BARROS, 270

M

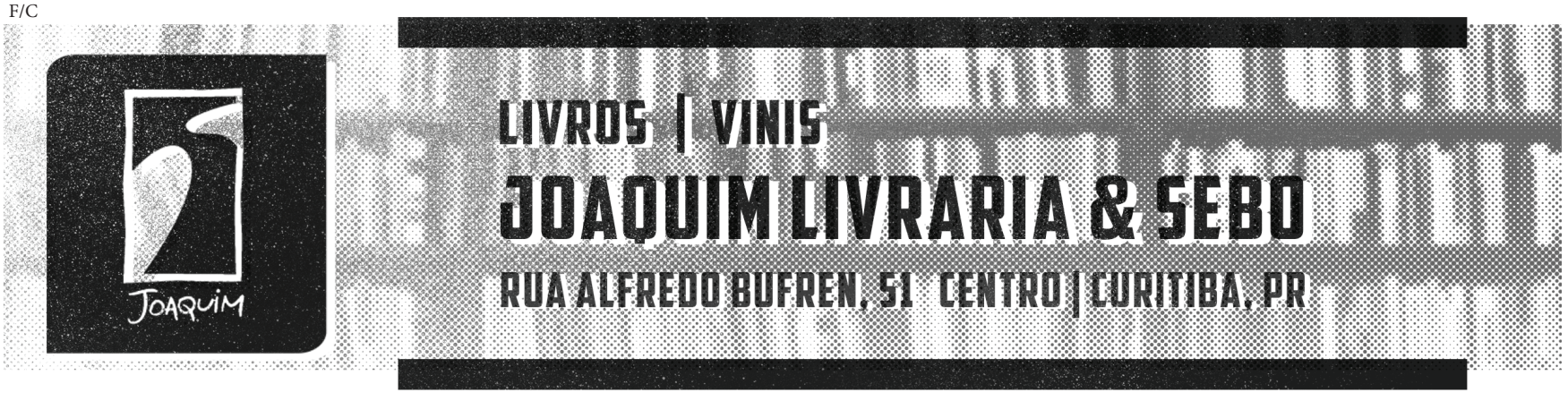


F/C

F/C

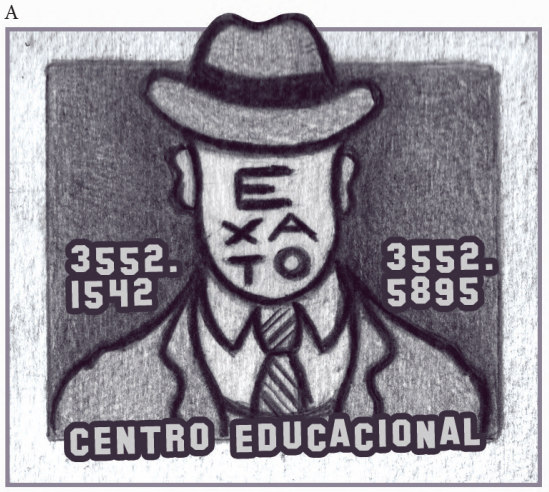
41 3114 7100 ESCOLADEESCRITA.COM.BR 41 9511 2654 CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR

F/C



INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

A



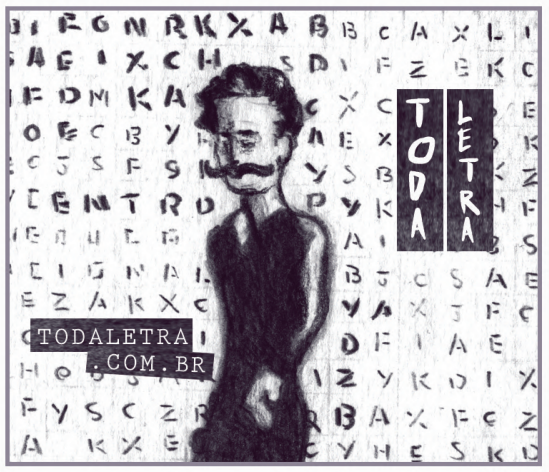
AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO – ARAUCÁRIA/PR

A

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

A

A



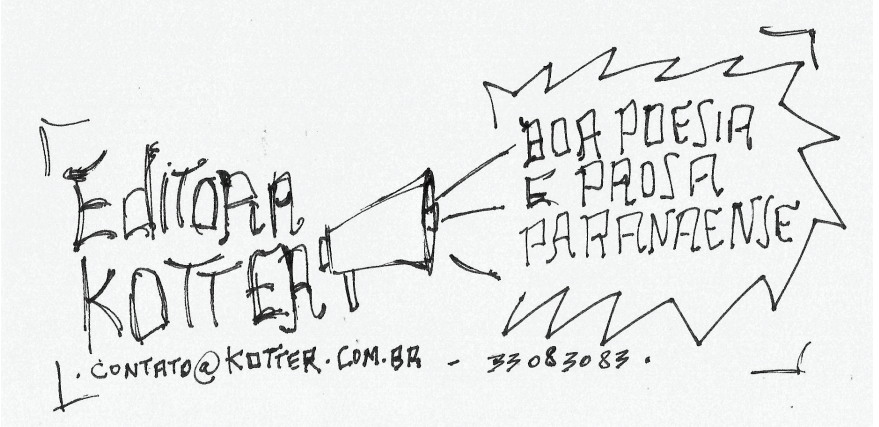
A

A

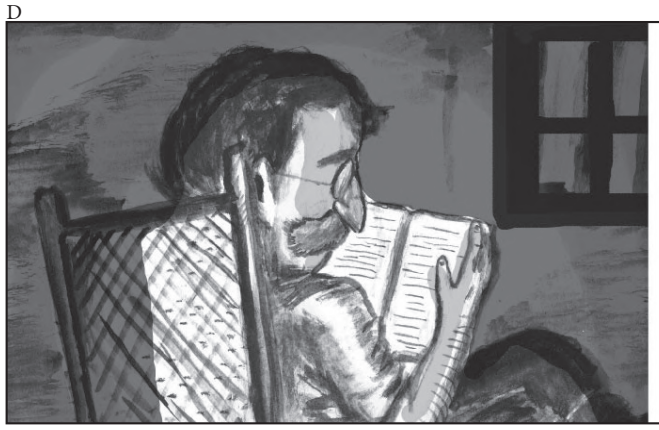
M

D

M



D



A editora completa 3 anos de atividades, contando com mais de 230 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Editora Penalux
Porque livros iluminam

Conheça nosso trabalho, acessando
www.editorapenalux.com.br e
facebook.com/penaluxpenalux.

Para envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

A Alan Amorim – **F/C** Fabio Tokumoto & Carol Zanelatto – **M** Maria Lima

10

Cenas de sábado à noite:
a menina de olhos tristes sai
observa os casais
dançando, girando, sorrindo
entre um beijo
e outro.
entre um bar
e outro.
sempre combinando cabelo vestido e batom
todos os tons de vermelho
que se multiplicam e saltam.
a menina
de olhos tristes
não escolhe ninguém para dançar.
sempre vem alguém.
então espera para ser escolhida.
aceita o primeiro que propõe. está bem.
ela não sabe que seus olhos se afogam.
ele percebe.
mas prefere não falar nada.
você quer um whisky?
eu pego um pra você. ela diz.
duas pedras de gelo?
alguém te espera depois daqui?
ninguém me espera.
ela pergunta e responde.
nem o destino
nem os escritos
nem os prognósticos
nem as verdades.
só a grande avenida vazia os carros que repousam o barulho que congela no ar as luzes da cidade que deixam as calçadas visíveis.
inchadas.
os olhos dela
contornados pela devassidão
por onde pousassem
devastavam
pessoas paisagens.
pareciam dois faróis
intensos
exalando uma luz celestial
cheios de indignação
e sedutores de tão tristes.
eu tô indo embora pra mim já deu. eu te acompanho se você quiser.
durante o caminho trocam algumas palavras
poucas.
ela é bailarina. ele estudava para ser médico
ou algo assim.
a noite foi boa. obrigada.
o homem pensa em beijá-la. desiste.
pois quando olha nos olhos dela é engolido.
as pernas são tomadas por uma tremedeira. a coragem escapa.
emenda um até logo e sai disparatado
com pressa.
ela entra em casa e tira os sapatos
tira o vestido
vermelho
o batom
vermelho
o cabelo
vermelho.
coloca para tocar Hendrix, Little Wing
enche o copo de vinho lilás
senta-se nua na cama de frente pra janela
aliás a janela é sua moldura.
ali pensa sobre as coisas que a cercam.
exteriores à moldura.
às vezes chora.
às vezes só fica triste
fitando a avenida com seus postes acesos quando não há ninguém na rua.
naquele momento quem olhasse para a menina
não veria nada além de um corpo
um corpo vazio
sem nada dentro
o copo também já estava vazio…
quem olhasse para ela veria
uma admirável pintura clássica
mirando todas as cenas do universo
com seus dois olhos imensos
em profundidade.
eles têm cor de caju. •

bruna motta

Dê Almeida

12

PERDAS

Angélica Maria

Seria fato. Seria certo. Seria a arte inevitável da vida. De quem todos correm, para onde todos vão. De todos os sonhos em vão, ela não conseguia se desvencilhar das ideias mais laxantes. Perplexa, não conseguia se lembrar da última vez em que havia falado com ele. O que teria dito? Seria algo humilhante ou banal. Seria vil. Seria fato. Alice estava descompensada. O voo mais cedo que conseguira sairia às 7h. Não era direto, cheio de conexões lhe daria tempo para descansar. Não havia dormido nada a noite toda. Só pensava em tudo o que tinha que fazer. Suas economias estavam literalmente vazando pelos seus dedos a cada registro da senha em uma bendita maquininha Cielo. Não queria pensar em dinheiro nesse momento. Não tinha como não pensar em dinheiro. Assim, a vida lhe era peculiar: tão administrativamente correta.

No entanto, Alice é, para muitos, também um modelo de fracasso. Não concluiu faculdade nenhuma, não tem profissão estável, nem casa, muito menos marido. Fez um monte de cursos – para horror de seus pais – de expressão corporal e teatral, de comida tailandesa, de instrutora de yoga e até mesmo de tratadora de golfinhos. Vá saber lá de onde ela tirou essa ideia. Hoje, até podia se dizer que ela está estável: trabalha já há doze meses no mesmo restaurante, está em cartaz com a mesma peça – e com bilheteria – há mais de três meses e recebeu a proposta para atuar em um filme – longa-metragem. Vai ser veiculado em um canal que ninguém assiste da TV paga, mas mesmo assim tem cachê e todo mundo que é da área – ou metido a intelectual – assiste. Alguém pode ver e se interessar. Vai que...

O fato era que nesse momento Alice pouco se importava... Já passava das 10h e apesar dos inúmeros minutos de espera o seu olhar impassível era o mesmo. Encontrava-se naquele momento inebriada de si. Deitada em um banco de concreto, tentando se confortar naquele mal projetado utensílio de repouso, o frio sob o sol do cerrado lhe esquentava os ossos. Já tentara ler um livro, já tentara dormir, mas as vozes, aquele zumbido peculiar de várias pessoas falando ao mesmo tempo e tentando esconder o que dizem, não a deixavam imergir naquele que seria seu, só seu, instante de paz. O mundo que criara, o que sempre buscara: a perfeição ou apenas um lugar onde pudesse esquecer simplesmente que existe, um buraco. Chegara à segunda e última conexão. Faltava pouco. Sua mente estava confusa. Nunca em toda a vida se sentira tão perdida.

Perdida, sim, mas não a tal ponto de perder o voo. A última chamada lhe gritava a realidade. Destino final. Ponto final. Final... Alice tinha 28 anos e, sentada na poltrona claustrofóbica daquela aeronave, olhava para a terra se distanciando e sabia que partia para finalmente chegar ao lugar onde não gostaria de estar. Não pensava mais nas horas perdidas, não pensava na dor, não pensava em nada. Queria apenas que aquele sentimento de impotência não existisse mais. Apesar de tudo, já pensara em como este momento aconteceria. Já temera por ele. Porém, não. Não. De nenhuma forma imaginara que ele seria assim – como são as coisas que realmente importam – impassíveis, injustificáveis e, principalmente, surpreendentes.

Lágrimas rolavam a face. Tentava esconder do mundo o que sentia. Tentava ser forte. Sempre, durante toda a sua vida, tinha sido assim. Teve uma vida confortável, nunca lhe faltou nada: educação, respeito, amor, comida. Nunca. O que sempre lhe faltou foram as lágrimas e a coragem de deixá-las à mostra. Durante toda a vida se resignou. – Sim, aceito. Essa era a frase onipresente em sua vida. Entretanto, a fortaleza era de areia. Uma brisa mais consistente foi suficiente para derrubá-la. Essa brisa virou uma tempestade passada.

Havia seis meses, pontualmente no dia 6 de junho, Alice havia perdido o que achava ser a razão da existência de João: o filho. Grávida de cinco meses, ela havia sofrido um grave acidente. Um parto prematuro. Não fossem os cuidados e alguns dias a mais na UTI, ela mesma teria parado no cemitério.

Era o segundo aborto em menos de dois anos. O médico havia sido categórico: "Nunca mais você poderá ter um filho de forma natural. O útero teve que ser retirado".

Para ela, era uma atrofia. Para João, que não perdeu um órgão, era uma frustração. Como mensurar o que era mais relevante numa relação amorosa. Ela sempre fora compreensível e até submissa. Afinal, esse era o sonho da vida dele, ter um filho. O de Alice era ver de perto túmulo de Jim Morisson e Édith Piaf em Paris. Sim, ela pouco se importava em não poder ter um filho. Alice era prática – melodramatizava pelo espetáculo. Era atriz, adorava a oportunidade de se conectar com sentimentos que pudessem ser reproduzidos. Eram reais. Ou talvez. Alice era assim e ponto.

Anos de terapia serviram para lhe mostrar que o melhor era ser pé no chão e tratar suas vivências como experimentais. Não sofria, sentia. Mas, naquele momento, ali, sentada, sozinha, uma completa desconhecida em um voo lotado, chorava. Chorava de verdade. Já estava sobrevoando o ponto final. Já não aguentava →

13

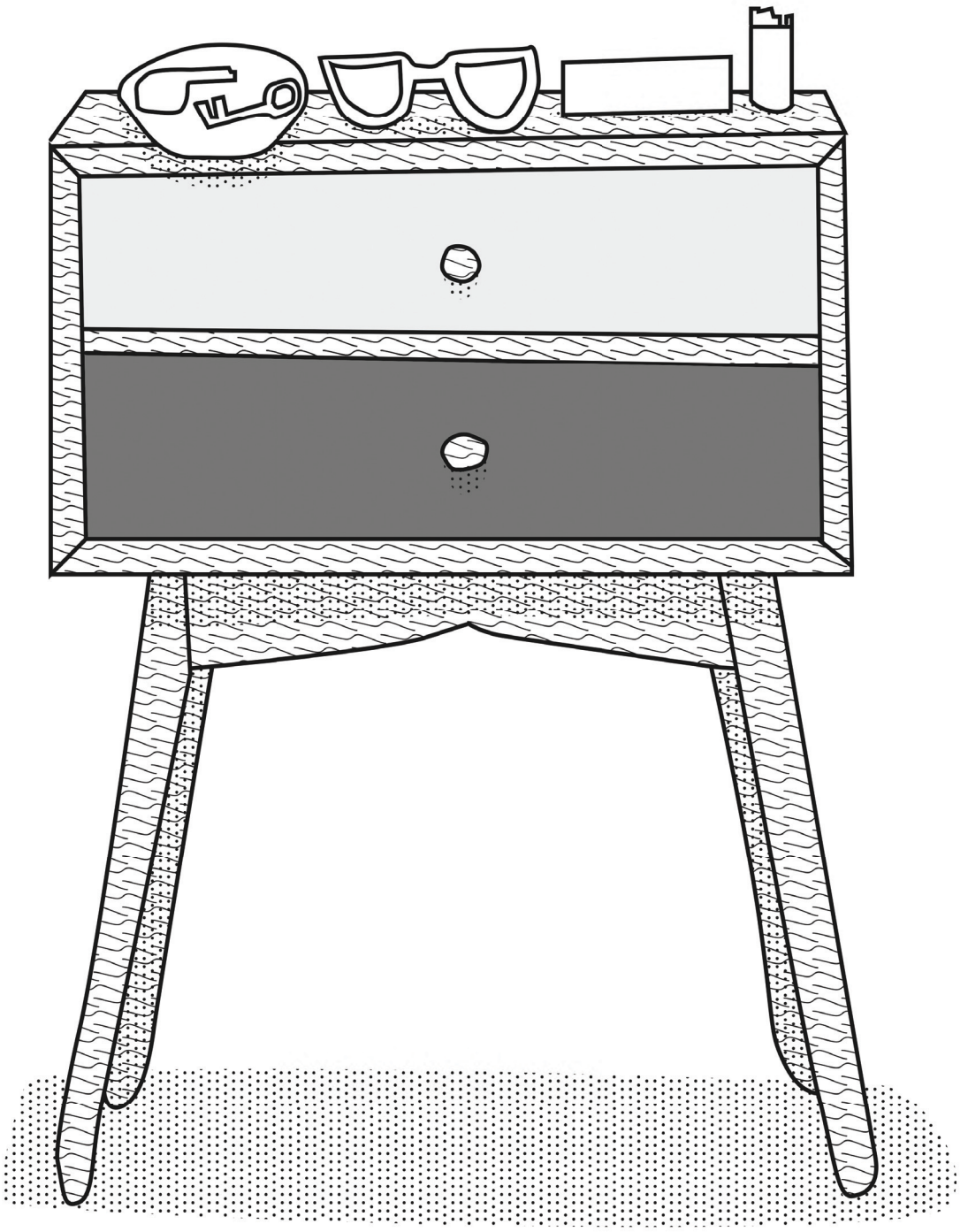
mais se iludir. Não aguentava mais ser forte.

Foda-se a Clarice. “Semana que vem eu juro que volto... Ou não volto. Hoje eu quero chorar e porque – puta que pariu – você não atendeu as minhas ligações, teria facilitado a minha vida. Terapeuta não é amiga. Amiga não é terapeuta. Você está em qual situação?”, pensava enquanto as lágrimas lhe surgiam aos olhos como um tsunami.

Clarice era pior que o João. Ou igual. Somente Alice para confiar em uma criatura tão charlatã. Na verdade, Clarice era uma pessoa boníssima: bonita, amável, sedutora, encantadora. Terapeuta, pois bem. Amiga... Há quem duvide! Não Alice, nunca Alice...

Alice sempre acreditou demais, entregou-se demais. Até que há cinco meses, chegou em casa mais cedo e encontrou João e Clarice na cama. Nus. Ah, sim. Sua cama. S-U-A, com letras garrafais ainda. Alice pagou. João era um quebrado. Modelo de porra nenhuma, que não faz campanha nenhuma, que não faz curso de ator, que acha que é ator, que acha que é legal engravidar a namorida atriz que se sustenta de figuração, peças sem substância e do bico como garçonete no bar da esquina.

E apesar de todas essas lembranças se embaralharem em seus pensamentos, ela tinha certeza de que as lágrimas que não conseguia conter nada tinham a ver com aquilo. Ou de certa forma tinham. Problemas substanciais e (in) solúveis que armazenou na despensa lotada das emoções contidas. Quando viu seu único irmão – a única pessoa da sua família sanguínea que lhe restava – pela última vez? Não se lembrava... Como podia? A aterrissagem iniciava e ela se recompôs. A solidão estava de novo completa. •



Ana Guadalupe

Do livro “Não conheço ninguém
que não seja artista”, 2015

O ESQUECIMENTO

o esquecimento
que conceito
uma bênção
um gênio
que traça enorme e trabalhadora desintegrando as coisas

a essa altura os mais doces traumas já não dá pra manter
as primeiras paixões dolorosas são pares de óculos escuros estilo surfista
os desejos de corpinho frágil naturalmente levados
as afetações quase gírias que já não se usa

que bom
que amor
um advento
a invenção de todos os séculos
o esquecimento

APROVEITAR A VIDA

sem saber o que vai acontecer
daqui a duas ou três semanas
fica difícil aproveitar a vida

ir ao café com amigos
olhar o cardápio sem medo
rir comendo bolo

esquecer centenas de doenças
tragédias das mais terríveis
cenários perigosos pra qualquer hora

a enorme lista de opções oferecidas
pelo mistério ou pelo acaso
é mais imaginativa no que pode
dar errado

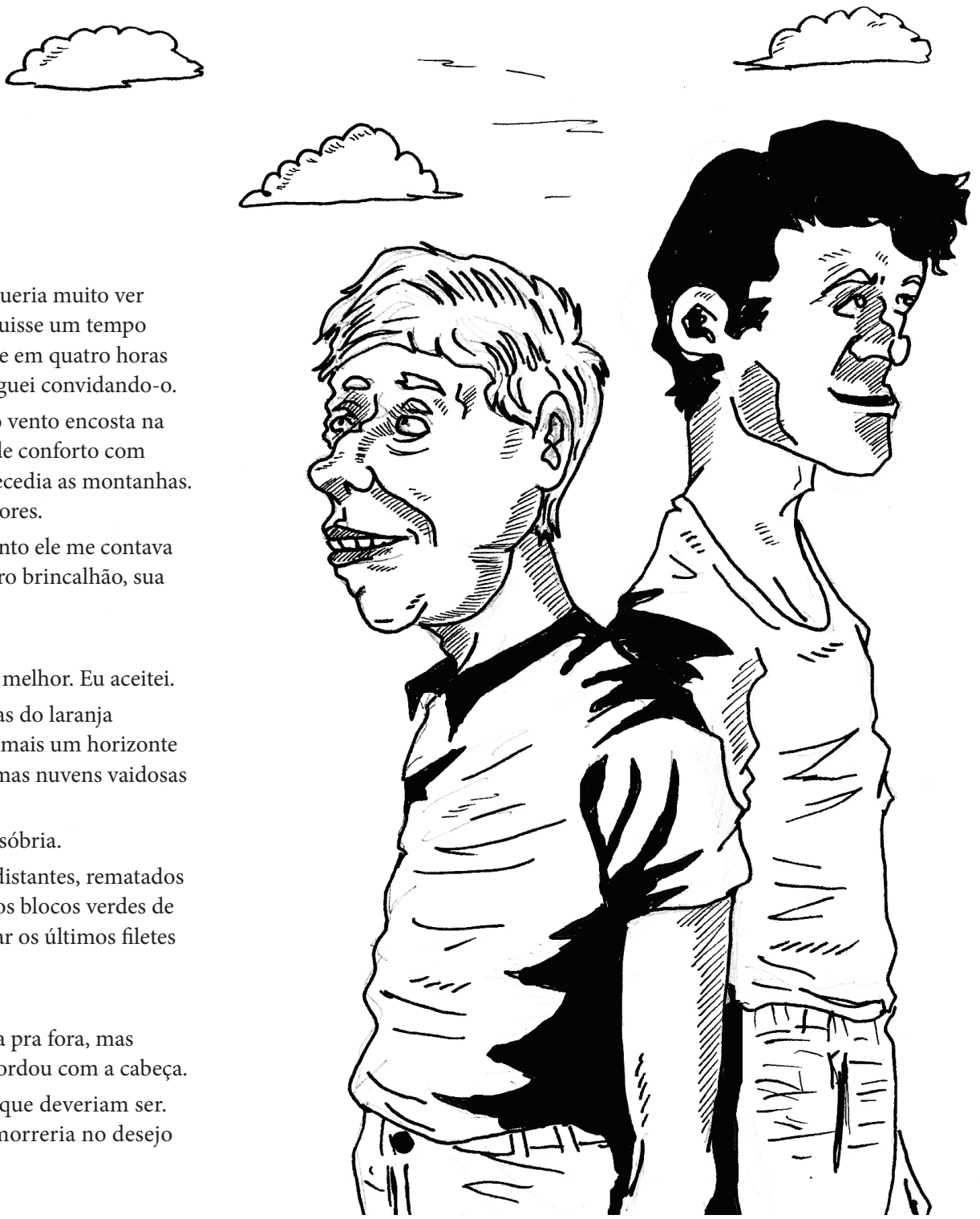
ESTRATÉGIAS PARA GOSTAR

não é possível gostar
das mesmas pessoas todos os dias
por isso é recomendável ter armas
e métodos de ternura
ou perdão
como preferir

alguém cuja redenção possível é o medo
de práticas esportivas ou mariposas
às vezes o caminho é resgatar
uma aptidão ou habilidade
demonstrada antes
e adequada só agora

como aquele dia em que você fez uma imitação
do silvio santos ou do chaves ou seu personagem preferido
ou quando consegui te impressionar com argumentos

Maximilian Rox



Pouco antes de morrer, Edgard me confessou que queria muito ver como era um pôr do sol. Demorou até que eu conseguisse um tempo para levá-lo no canyon mais bonito da região, distante em quatro horas da capital. Naquele feriado de setembro finalmente liguei convidando-o.

Era uma tarde bonita de sábado, daquelas em que o vento encosta na pele de forma delicada, transportando uma mistura de conforto com preguiça. Estacionei o carro antes da floresta que antecedia as montanhas. O dia claro convidava para uma caminhada pelas árvores.

Passamos pelos carvalhos e pelas raízes altas enquanto ele me contava da sua vida até então. Sua esposa querida, seu cachorro brincalhão, sua paixão indefinível pela culinária oriental.

Sua operação.

Chamou-me para um jantar assim que tudo ficasse melhor. Eu aceitei.

Os raios do dia já alcançavam as chamas preguiçosas do laranja quando nos sentamos nas pedras que contemplavam mais um horizonte melancólico. O sol já se recolhia, encoberto por algumas nuvens vaidosas que explodiam seus feixes luminosos.

O que você vê?, perguntou ele com sua voz grave e sóbria.

Via dúzias de carvalhos costurando as montanhas distantes, rematados por alguns riachos de água limpa. Eles teciam extensos blocos verdes de vida. Via as nuvens se sentirem orgulhosas ao espalhar os últimos filetes de luz para a atmosfera. Contei isso pra ele.

Que forma uma das nuvens tem?, recebi.

Jurei ter visto um patinho de borracha com a língua pra fora, mas naquele momento não consegui explicar. Ele só concordou com a cabeça.

Minhas memórias daquele dia são mais tristes do que deveriam ser. Um morreria querendo ver o mundo real. O outro morreria no desejo de ser mais criativo. •

Dê Almeida

Texto: Daniel Zanella e Mateus Ribeirete

LIBERTADORES

LITERÁRIA

Prelo

pré-libert.

Dalton Trevisan (BRA) X Guilhermo Cabrera Infante (CUB)
Trevisan sequer disputa a pré-Libertadores porque se recusa a sair de casa. Eliminado.

Salvador Garmendia (VEN) X Alejandra Pizarnik (ARG)
Ao contrário de Cortázar, Pizarnik decide permanecer em Paris. A vaga cai no colo de Garmendia.

Cortázar (ARG) X Amanda Berenguer (URU)
Cortázar tentou jogar a Champions League como clube francês, mas não foi liberado. Registrou-se às pressas.

Juan Pablo Villalobos (MEX) X Miguel Angel Asturias (GUA)
Com a dedicação de um MAIA, Asturias vai para cima do novato Villalobos e o atira no milho.

Ilustração: Félipe Lima (gentilmente cedida)

fase de grupos

Grupo A

Jorge Luis Borges (ARG)
Eduardo Galeano (URU)
Mario de Andrade (BRA)
Machado de Assis (BRA)

Distraído ao escrever sobre futebol, Eduardo Galeano cai ainda na primeira fase.

Grupo B

Juan Carlos Onetti (ARG)
Jorge Icaza (EQU)
Carlos Drummond (BRA)
Octavio Paz (MEX)

Drummond joga mal e sua para bater Icaza na altitude. "No meio do caminho tinha uma colina", justifica.

Grupo C

Gabriel García Márquez (COL)
Isabel Allende (CHI)
Horacio Quiroga (ARG)
Gabriela Mistral (CHI)

Gabriel García Márquez termina a primeira fase invicto pois informa à Conmebol que seu estádio fica em Macondo. Não por acaso, nenhum adversário encontra Macondo.

Grupo D

Julio Cortázar (ARG)
Carlos Fuentes (MEX)
Ferreira Gullar (BRA)
Miguél Ángel Asturias (GUA)

"Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e gol do Cortázar."

Grupo E

Mario Benedetti (URU)
Guimarães Rosa (BRA)
Clarice Lispector (BRA)
Salvador Garmendia (VEN)

Beleza de Clarice Lispector impõe derrota massacrante a Mario Benedetti. Guimarães Rosa não corre em campo, mas inventa setenta e três palavras por partida.

Grupo F

Mario Vargas Llosa (PER)
Eugenio Montejo (VEN)
Javier Del Granado (BOL)
Pablo Neruda (CHI)

Vargas Llosa se diz perseguido pela arbitragem por conta de suas posições políticas. Neruda critica Vargas Llosa por suas posições políticas.

Grupo G

Ernesto Sabato (ARG)
Augusto Boal (BRA)
Augusto Roa Bastos (PAR)
Guillermo Cabrera Infante (CUB)

Ernesto Sabato menospreza time cubano, "Eles nem são um país", e sofre derrota em casa em gol polêmico. Augusto Boal é acusado de encenação.

Grupo H

José Emilio Pacheco (MEX)
Alejo Carpentier (CUB)
Gonzalo Rojas (CHI)
Lygia Fagundes Telles (BRA)

Como bom mexicano, Pacheco não dá a mínima para a Libertadores, mas passa de fase. Rojas simula lesão por foguete atirado ao campo e é suspenso.

Passam para a segunda fase

BORGES

MACHADO

DRUMMOND

ONETTI

8as de final

Pablo Neruda x Machado de Assis

Estádio O Carteiro

Em confronto acirradíssimo, Machado de Assis deixa escapar a vitória ao gastar o segundo tempo inteiro ironizando a própria atuação.

Jorge Luis Borges x Guillermo Infante

Arena ALEPH

Fazendo de sua casa um verdadeiro labirinto, Borges atordoa o adversário com extensa posse de bola e um gol nos acréscimos.

Carlos Drummond x Juan Carlos Onetti

Estádio José

Tocando a bola em poesia e prosa, Drummond faz da partida um claro enigma e derrota Onetti de forma convincente.

Mario Vargas Llosa x Ernesto Sabato

Estádio Casa Verde

Jogaço do primeiro ao último minuto. A classe de Sabato segura o jogo dinâmico de Vargas Llosa, que vence nos pênaltis.

Gabriel García Márquez x Clarice Lispector

Estádio Cândida Erêndira

Clarice Lispector pressiona Márquez com um fluxo de consciência fervoroso. No segundo tempo, porém, bolas paradas garantem virada suada do colombiano.

Julio Cortázar x Alejo Carpentier

Arena Octaedro

Mandando a partida em Paris, Cortázar inventa regras que aproximam o futebol da amarelinha. Entediado, Carpentier volta para Cuba.

Guimarães Rosa x Isabel Allende

Arena Grande Sertão

Atuando em ofensivo 4-4-SAGARANA, Guimarães Rosa confia na força da torcida interiorana para pressionar Allende, que só cai nos pênaltis.

Carlos Fuentes x Jose E. Pacheco

Arena Terra Nostra

Em clássico mexicano, o versátil Fuentes supera Pacheco ao dominar todos os lados do campo sem perder terreno. Partidaça.

4as de final

Neruda x Cortázar

Neruda aproveita-se do reforço de um carteiro chileno com alto potencial lírico-ofensivo. Nem o elenco global de Cortázar impede a surpreendente derrota.

Gabriel G. M. x Carlos Fuentes

Jogo de comadres? Com suspeitos toques laterais e poucas investidas, a partida se encerra em 0x0. Eliminado nos pênaltis, Fuentes afirma: "GGM reinventou a bola parada".

Borges x Drummond

Com gols de Catóblepa e Anfibesna, Borges derrota Drummond, que sai reclamando das ancas das bandeirinhas: "Me desconcentraram!".

Vargas Llosa x Guimarães Rosa

Outra surpresa. Discurso contra tudo isso aí + ação firme de visitadoras leva Rosa a ser apenas uma Rosa uma Rosa uma Rosa. "Ao menos criei um conto sertanejo-homérico", diz o brasileiro.

semi-final

Neruda x Borges

QUE JOGO! Sedento, Borges adota a estratégia da Biblioteca de Babel: o chileno perde a cabeça e sofre dois gols no fim. Ou no começo. Ou no meio. "Confesso que vivi", clama Neruda na coletiva de imprensa.

Gabriel G. Márquez x Vargas Llosa

FINAL ANTECIPADA? A rivalidade é típica de Libertadores: pontapés, pisões, sondagens com a mulher alheia e socos faciais. GGM vence com um pênalti no segundo tempo. "Só queria acertar uma na cara dele", admite Vargas Llosa.

Final

Gabriel G. M. x Borges

Estádio Casa Verde

O mando por melhor campanha nas línguas imaginárias não deu a Borges a vantagem esperada. A pressão inicial das valquírias sobre o escrete de Macondo culminou em duas bolas na trave, um pênalti não marcado, um conto em que Borges encontra ele mesmo no futuro, reclamando dos gols perdidos, e um xingamento de Márquez: "Cego de merda", cantada pela torcida no ritmo de 'Can't take my eyes off you'. Resultado: prorrogação. Sofrendo com duas expulsões ao final do segundo e um acesso de cólera da equipe repentino, GGM tenta segurar o resultado utilizando-se de palavras que remetem ao sonho. No último lance do jogo, num cruzamento despretensioso de Catóblepas, gol de Borges, que comemora gravando um anuário de seus melhores pensamentos pra TV5 Monde. "Fale comigo quando ganhar um Nobel", provoca Márquez. Que competição, amigos!

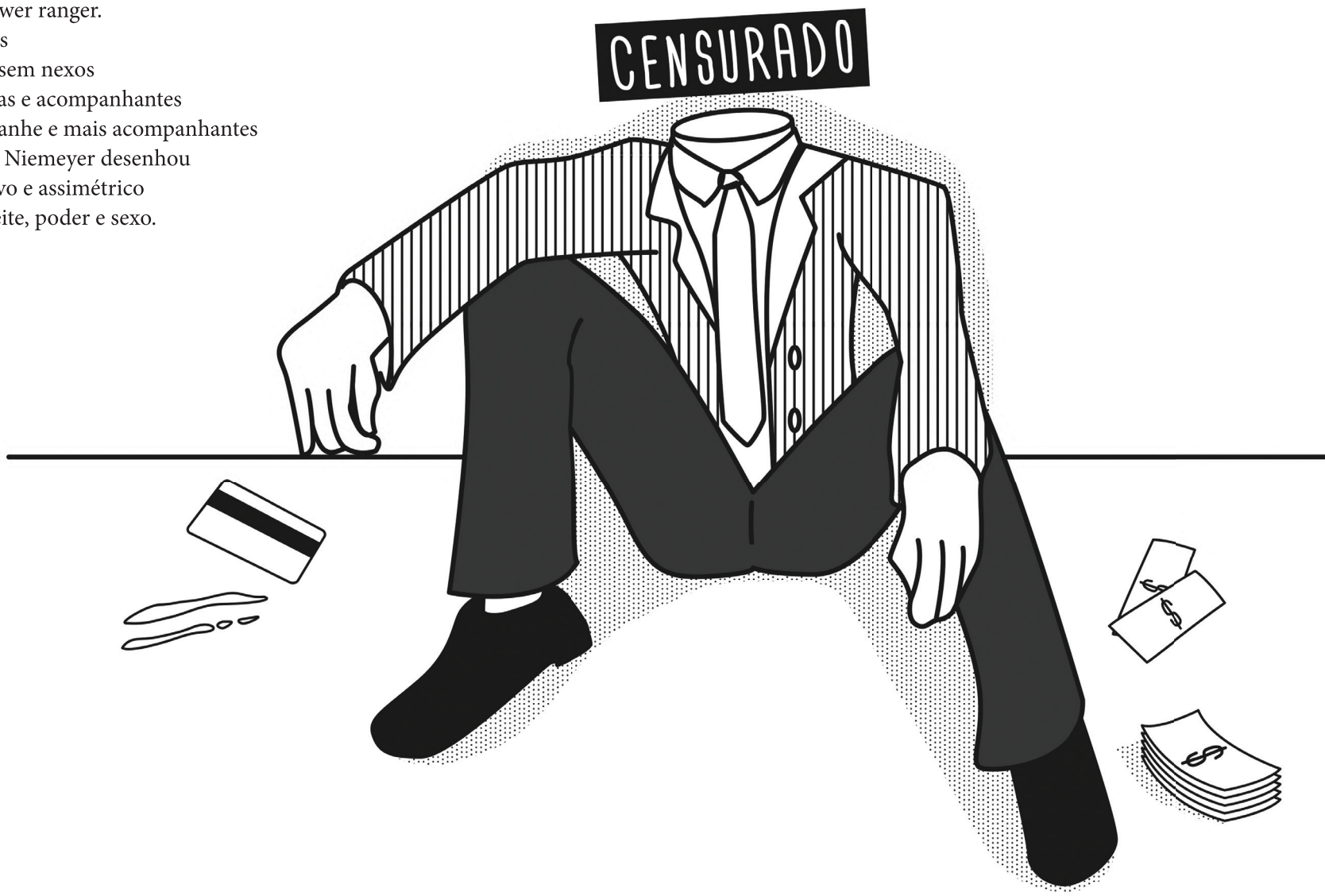
Relax

Libertadores literária

Deleite e pão

Otto Vasco

Na era collor
o vermelho petista
teria mais nitidez
Hoje será full hd
a terceira dimensão
ou a terceira margem
Corrupção hoje
é opção
como sexo
bi, trilegal, power ranger.
Todos os sexos
pensamentos sem nexos
ternos, gravatas e acompanhantes
vinho, champanhe e mais acompanhantes
Na terra onde Niemeyer desenhou
ou tudo é curvo e assimétrico
ou tudo é deleite, poder e sexo.



Vermelho Panda

UljanaWolf Trad. Ricardo Pozzo

F FALL / FALLS / FAST / FELL / FLOG

to flog a dead horse: vergeblicher sport. wir wollens lieber wieder fliegen sehn, ohne striemen stehn im stall, im herbst, in jedem fall before it fell: well & lebendig. und falls wendig, fast as water: schillerndes fell, wir striegelten faster, dass keiner einen riegel schöbe vor den quell, eine regel, oder riemen, oder was sich sonst hier schindend pflog.

cabalgar un cavalo morto: que esporte tolo. preferimos vê-lo voar de novo, sem estrias dentro de sua baia, ou na sua falta, antes que caia: bem e vivo. e se ágil, que seja rápido como água, un saco brillante, que levou astucioso, que nenhuma porta o trava antes da fonte, nenhuma regra ou correia para nos deter em nosso trabalho até fazer os cascos de digitalização.

20

A MÁQUINA

Susana Vieira

A terra bem poderia tremer acima de si que ele nada faria; perante essa eventual realidade, ele nada comandaria. Então, mudando de atitude – para não se aborrecer -, o homem enfia as mãos nos bolsos das calças e observa a fachada da casa de madeira, abobadada pelo céu estrelado que ilumina a noite. Surge um vento forte: não voam folhas porque em volta não existem árvores; em vez de folhas, levanta-se poeira do chão de terra; a poeira sobe em direção ao céu; repentinamente dezenas de pássaros atravessam-no. No chão de terra, no meio das ervas, um pássaro debate-se pela sobrevivência tentando levantar voo, mas uma asa ferida pelo vento impede-o de voar – e, assim, o pássaro fica morto no solo. O homem aproxima-se e deixa-se seduzir pela quase morte que exala do pequeno monte de penas.

Com gestos económicos e práticos, a mulher depena e lava o pequeno bicho e frita-o. O casal senta-se numa pequena mesa quadrada, frente a frente, a comer; o homem trincha o pássaro - os utensílios de trinchar ficam suspensos no ar. O casal olha a travessa da carne e, com espanto, engole o fundo da garganta: o interior do animal liberta uma rosa branca, intacta - o casal nada diz; a mulher coloca a rosa dentro de uma jarra que enche com água da torneira; o homem continua a cortar a pequena ave, separando os ossinhos da carne já tão reduzida.

Depois do jantar o casal sai de casa e desce a rua de mãos dadas - as suas costas descem a rua. Os vizinhos viram-nos ir. No entanto, não os viram regressar. Passaram-se muitos anos. A vida continuou a decorrer no costume de sempre. Outros referem-se ao que aconteceu de uma forma bem diferente. Dizem que o homem dormia.

O homem dormia na cama. Dizem que a mulher aproveitara para trocar prosas com uma vizinha. A vizinha tinha um rosto indefinido e vestia uma roupa indefinida, mas à mulher isso pouco importava, porque ambas riam - definidamente. Dizem que quando ela regressou, o homem, ainda deitado na cama, tinha os olhos muito abertos. Dizem que a mulher gritou.

O homem deitado na cama, de olhos abertos, com os quatro membros afastados em meio de lençóis desarrumados. A mulher tapa a boca com ambas as mãos, abre muito os olhos, chora e grita – ela grita um grito mudo, só dela, bem para dentro dela mesma. Dizem que ninguém a ouviu. Dizem que o lençol estava desengomado.

O homem deitado na cama, de olhos abertos, com os quatro membros afastados em meio de lençóis desarrumados; observando mais de perto perceber-se-ia que os olhos não estavam apenas abertos – eles também escondiam uma expressão nova: o homem estava tranquilo. Os olhos demasiadamente abertos eram de alguém que, recebendo e aceitando viver mais uma pequena felicidade, se tranquilizava merecidamente. A sua tranquilidade era a única e verdadeiramente sincera gratidão que poderia oferecer em troca. Ao seu lado estavam as lâminas de barbear tingindo os lençóis com o sangue escuro e azedo.

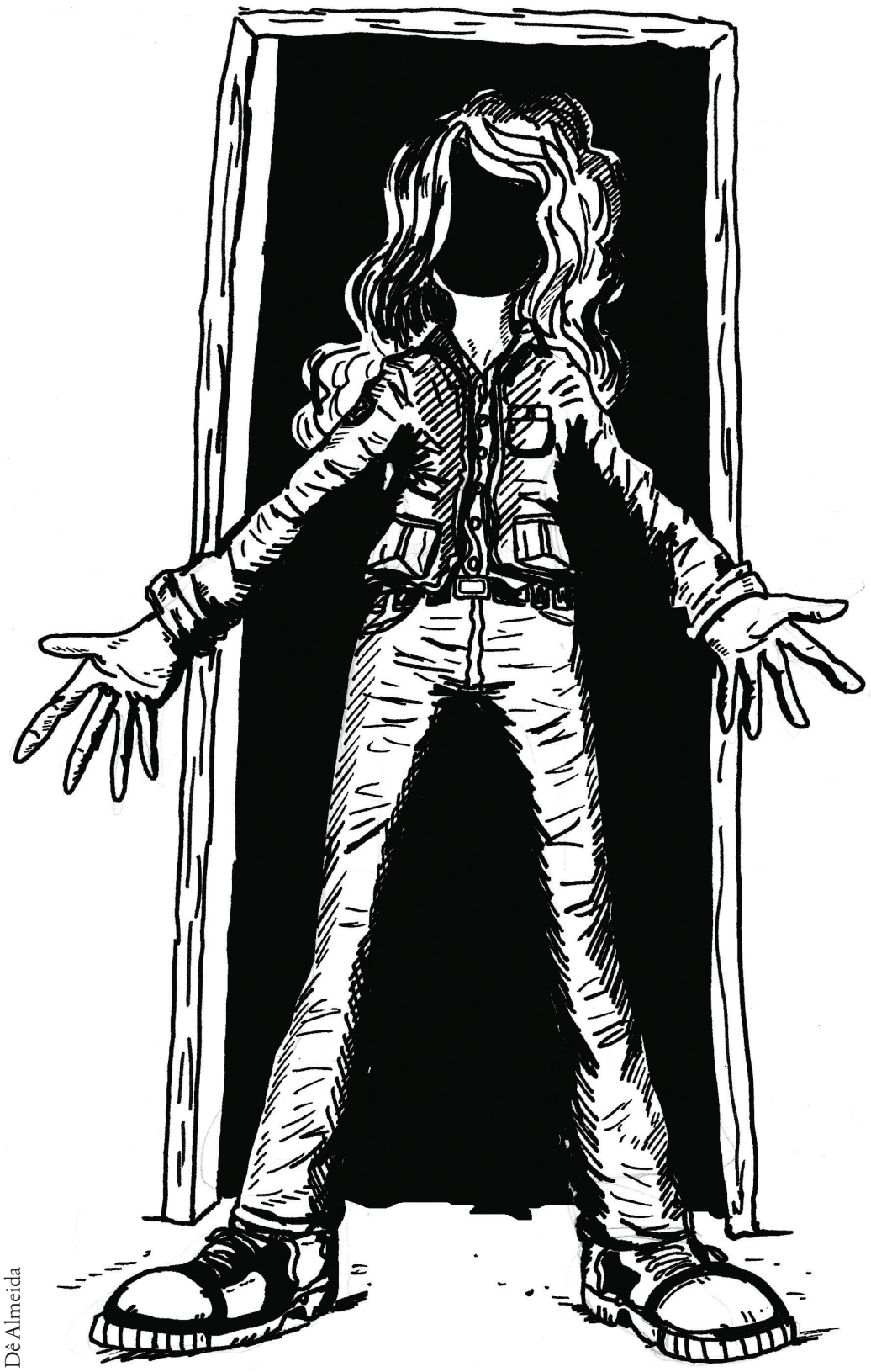
Dizem que a mulher saiu de casa, tropeçando nas próprias pernas, e desceu a rua sozinha. A mulher descia a rua: eram passos desencontrados, era uma figura perturbada, eram as mãos que tapavam a boca, eram os olhos que choravam; a mulher recompôs-se, assumindo uma figura mais ereta, limpando as mãos na saia, olhando em frente – a mulher reagrupava-se no que sempre fora; e, dessa forma, reencontrando por fim os passos, desceu a rua devagar.

Dizem que não a viram regressar. Dizem que, contudo, a vida continuou a decorrer no costume de sempre. Dizem que continuaram a passar-se muitos anos.

Mais provavelmente, o que aconteceu foi isto: um homem tentou reparar uma máquina doméstica avariada.

A escadaria de madeira para a cave rangia durante a noite. Lentamente, as pernas do homem desciam as escadas; e, do mesmo modo paulatino, todo o seu corpo ia surgindo; o homem reconhecia-se na sua altura sem fronteira e em toda a sua magreza cujo som seco fazia o eco da madeira estalar, como se ateasse o lume bravo de uma fogueira. Ele não precisava de nenhum dos seus sentidos para se saber alto e magro – como um pinheiro que principia a encurvar com a corrente tumultuosa do vento. O homem parou defronte de uma máquina indefinida, mas parecendo da mesma altura, embora mais larga, que a figura humana. Ele, sem idade, olhou a máquina.

Nunca precisei de a reparar. Não há papéis inversos. O ciclo condicionado pela certeza continua a não fazer sentido a cada instante. (Dentro de si: a árvore crescendo cada vez mais alta.) Há sempre um esgotamento na perda, uma partida que se recusa. (A árvore multiplicando os seus ramos e engrossando o tronco duro.) E também o que, inadvertidamente, acabará por me abandonar. Não a solidão: essa nunca me abandonará. (As folhas numa queda vertiginosa, batendo no eco: PUM!!!) Nunca, porém, me acostumo com ela. O irremediável. (PUM!!! PUM!!!) →



Dê Almeida

O homem estendeu-se no chão, de barriga para baixo, esticou o corpo, encostou o rosto no chão. Dentro de si o mundo era dourado e luminoso e, no mesmo tom dourado e luminoso, as folhas não cessavam de cair da árvore que, contudo, continuava a crescer verticalmente. Elas caíam e formavam um manto que resfolegava por baixo e em cima do homem. Ele, com o rosto virado para o chão, tocava e sentia as folhas com as próprias mãos, sem se perturbar. Porque poderia ser outra a versão. E ele sabendo disso.

Durante a noite, na cave da sua casa, um homem alto e magro acaricia uma máquina – trata-se de uma máquina pequena, mais baixa que o homem: na verdade, trata-se de uma comum máquina de lavar roupa, comprada não há muito tempo e em dificultosas prestações. O homem – como um cirurgião competente - desaparafusa os componentes da máquina. Agindo na tranquilidade dos seus objetivos e desbloqueando meticulosamente as passagens impeditivas de se alcançar a massa defeituosa que impossibilita a circulação correta e necessária. Revelando a massa disforme, o cirurgião retira-a cuidadosamente de modo a não tocar nos corredores por onde é levantada. Não o consegue, porém - apesar de ter percebido outras coisas importantes.

O homem – molhado pelo suor - pousa as ferramentas no chão, aproxima-se da máquina, acaricia-a: ele está amargurado. Ajoelha-se, curva-se diante da máquina e fecha os olhos. Esse homem já não é só um homem – é um homem velho. Que enfia os dedos de ambas as mãos nos cabelos, repuxando-os para trás; os cabelos não são escuros, as mãos não são lisas; os cabelos são brancos, as mãos enrugadas. Esse homem velho, que é mais que só um homem, não quer uma mudança; quer mais: deseja começar de novo, como quem nasce pela primeira vez. O homem velho, curvado diante da máquina de lavar roupa, enfia os dedos nos cabelos brancos. Ele quer mais… quer mais… quer mais… Por isso, o homem velho levanta-se. E vai embora. Caminhando. Simplesmente.

As costas do homem velho descem a rua. O homem velho desce a rua, de mãos dependuradas, vazias; a sua figura magra e escura, recortada contra um céu que, depois da noite ter cumprido a sua função, começa a receber cor e luz, desce a rua. Ele vai na direção da ponte, subindo muito alta e afundando-se numa bola cor de amêndoa crua que se intensifica. O rio, já envelhecido, agredindo-a embaixo, leva consigo o homem velho.

Onde ficou a verdade? •

22

UM ROMANTISMO WWW: O EPISTOLAR EM TEMPOS DE CIBERESPAÇO

"Conexões Perigosas", de Marco Aurélio de Souza (São Paulo: Editora Kazuá, 2014), nos remete aos poderes de renovação e continuidade que a literatura possui. Há tempos não tínhamos notícia da publicação de um romance tão óbvio e ao mesmo tempo tão inédito. Essas duas características literárias, renovação e permanência, apresentam-se de forma concomitante quase que em todos os aspectos do livro, algo que reflete também a sagacidade de seu autor em compreender o quão dialógica e inovadora a literatura é em sua essência.

Não percamos tempo com detalhes do enredo. Talvez seja, desde Göethe, o mote literário mais reescrito. Rapaz jovem que se perde em uma paixão avassaladora e platônica, capaz de perturbá-lo a ponto de perder o sentido da realidade. A novidade é que dessa vez o jovem apaixonado põe-se a escrever um blog. E a possibilidade de analogia com "Os Sofrimentos do Jovem Werther" não se resume a similaridades do enredo e a outros elementos propositalmente colocados para nos remeter a Werther (como a nota editorial que abre o romance ou o nome do personagem, que conhecemos apenas por W). Ouso dizer que "Conexões Perigosas" inaugura um novo subgênero literário. No século 18, quando Göethe publicou seu celebrado romance, o escritor alemão consolidava um gênero romanesco que atingiu o auge de sua popularidade naquele momento, o epistolar, no qual o enredo, a estrutura e a forma são constituídos prioritariamente por cartas. No século 21 esse gênero é reinventado por Marco Aurélio, em um subgênero que passarei chamar a partir de agora de romanceblog.

Mas talvez meu arguto leitor esteja a me considerar um tolo por tamanha ousadia, já que encontramos na blogosfera inúmeras experiências literárias romanescas (quase sempre de autores que decidem realizar e publicar suas obras pela internet em doses homeopáticas) e blogs que foram posteriormente publicados como romances. Mas há uma diferença essencial. Göethe, ou qualquer outro dos autores que se voltaram para o romance epistolar, não escreveu cartas e as publicou em um livro: o que ele construiu foi um romance em forma de cartas, e cartas ficcionais que constituíram um romance. "Conexões Perigosas" está intimamente ligado a este modelo e, por isso, não é um romance publicado em blog, ou um blog que depois virou romance, mas sim um romanceblog, escrito e construído para ser exatamente isso. Sua narrativa, no que tange ao enredo, forma, estrutura e linguagem, é o blog, e o blog fictício mantido por W é o romance. Romance e blog fundem-se e confundem-se. A obra foi pensada e criada para ser exatamente isso, é assim que ela funciona e é assim que deve ser apreciada. E o fato é que em meio aos muitos blogs novelas dos quais já ouvi falar, e aos muitos blogs que posteriormente viraram livros, esta é a primeira vez que me deparo com uma obra literária que, desde sua concepção, supera a dicotomia blog/romance.

Há outras características que fazem da obra uma leitura marcante. A fragmentação e a diversidade textual colocam a obra em consonância com a literatura pós-moderna, além de fortalecer sua verossimilhança, já que se trata de um texto ficcionalmente originário da web, um não-lugar onde é possível que todos os tipos de gêneros textuais convivam e se entrecruzem. Assim, o romanceblog constitui-se de poemas, e-mails, conversas de chats, emoticons, links, marcadores, aforismos, etc. estilos fortemente marcados pelas linguagens que lhe são próprias. Trata-se da publicação de um quase-hipertexto.

Essa diversidade do blog de W reflete a dinâmica perturbada e esquizofrênica de si em relação a Gabriela, sua obsessiva paixão, bem como a diversidade labiríntica e infinita de linguagens que os usuários da internet têm acesso e reproduzem. A concepção labiríntica aparece também na ordem em que as postagens aparecem no livro, graças a um obscuro editor que decidiu, sem motivos muito convincentes, subverter a ordem original em que as postagens estavam no blog ficcional, dando ao leitor a opção de ler o romance em duas sequências diferentes. Assim, a leitura de cada novo capítulo é como clicar em um link, o abrir de uma nova "página", e o leitor é remetido a um novo texto, não necessariamente contínuo ao anterior.

Importante salientar também a forma como o romanceblog trata o anonimato e a experiência ilusória da existência que a internet proporciona. Mesmo com a visível relação entre W e Werther, o fato é que W é um anônimo. O anonimato é a marca registrada daqueles que desejam se expor intimamente pela Web, desnudando aquilo que está mais reservado em sua subjetividade. Ele evita que aqueles que →

JEVERSON MACHADO DO NASCIMENTO

visualizam, ou respondem, o façam diretamente em relação à pessoa do mundo real que posta, mas somente ao avatar criado para o mundo virtual. Cria-se então um efeito interessante: W pode ser qualquer pessoa. Ele pode ser eu, você, sua irmã, seu vizinho, sua antiga professora de matemática ou qualquer um que tenha acesso a internet e decida escrever em um blog identificando-se apenas por uma letra.

O anonimato é um efeito da efemeridade da existência no mundo virtual. O leitor, mesmo dentro do pacto ficcional, está todo o tempo a duvidar da real existência de W e da veracidade das coisas que escreve (o editor ficcional instiga o leitor a isso). W pode ser apenas alguém criando uma estória de romance virtual para os fieis seguidores de seu blog e, em várias vezes em que reflete sobre esse tema – em uma espécie de meta-cibernarrativa confessional –, deixa dúvidas quanto à sua veracidade. A fragilidade existencial do mundo virtual nos dá a certeza de alguém do outro lado da tela com o teclado abaixo das mãos, mas isso é tudo. O que o dono desse teclado está a criar, ponderar e escrever, sempre será algo cuja sinceridade é duvidosa. E o mesmo acontece em relação à Gabriela (tanto W como o leitor tem ampla margem para duvidarem da existência real de Gabriela), já que no mundo virtual, um nome não quer dizer nada além de que em algum lugar do mundo alguém com acesso à internet o usa. O anonimato estende-se ainda ao narrador da advertência editorial. Assim, as incertezas da internet são transferidas para o mundo virtual/ficcional de "Conexões Perigosas". A efemeridade da verdade existencial que experienciamos com a internet é reconstruída com magnitude no livro. E não havia como ser diferente, afinal, trata-se de um romanceblog.

W não é um personagem fácil. Ele não amadurece durante os enredos: se auto define como um nerd, apaixona-se por uma pessoa/avatar que nunca viu e parece mais um adolescente tardio que se perdeu em uma depressiva carência afetiva ocasionada pela solidão. Indiferente à ordem pela qual se faça a leitura, é nítida a sensação de afobação, melancolia e solidão que acarretam nas fragmentadas narrativas que não conduzem a nada essencialmente significativo (aqueles que esperam um fim dramático, como em Werther, irão se decepcionar), mas dão voltas em uma "ciranda louca", na qual personagem/narrador e leitor têm consciência de que estão inseridos. Contudo, cabe salientar que o labirinto é a própria linguagem. O maior sentido do romanceblog não está em seu desfecho (não há um grande momento clímax), mas em sua constituição. Aqueles que se manifestam pela internet, o fazem unicamente pela linguagem, e a própria rede tornou-se infinita por se constituir de formas infinitas de linguagens que se tocam, se entrecruzam e vão se mesclando, se desdobrando, se renovando e se multiplicando em um labirinto em forma de rede. Portanto, não se trata do quanto a vida de W é profunda, significativa, medíocre ou desinteressante. O que realmente importa é sua capacidade de sintetizar, em sua exposição narrativa, a própria rede. O leitor só tem acesso à vida extra-blog do herói por meio do próprio blog, ou seja, é impossível chegar ao W de carne, pele e ossos, mas apenas à construção linguística que faz de si mesmo.

Esse, justamente, o aspecto mais relevante do personagem. O que mais significa W no romance é o fato de sua construção narrativa mostrar como a rede o forma e deforma apenas pela linguagem. Enquanto linguagem, W é a própria internet se construindo em um livro. Não à toa ser essa a mesma letra que todos repetimos três vezes para o acesso no ciberespaço. O personagem nos convida a trilhar com ele sua amorosa odisséia virtual e a perdermos totalmente o sentido do que pode ou não ser real.

E como não falar do amor? Afinal de contas, o blog editado funciona como a "árvore virtual" em que o protagonista entalha o seu nome junto ao de sua amada. Ademais, "Conexões Perigosas" é um livro que discorre também sobre como nós, os humanos do sexo masculino, somos imaturos e inábeis diante do mais forte, sublime e belo dos sentimentos. Devido ao seu amor platônico, irrealizável e não correspondido, nosso Werther do século 21 se perde entre duas realidades não paralelas, a ponto de ter uma relação mística quase sexual com a CPU – "único vestígio que sobrou" de Gabriela –, consultar-se com uma psiquiatra e entrar em conflito com sua família. Se, como dizem os românticos, o amor move o mundo, talvez mova também a internet, a literatura, suas linguagens e, logo, também o romanceblog. •

Amanda Pimenta

Sombras de Curitiba

Alto, cabelos negros abaixo do ombro, barba por fazer. Suas vestes e acessórios eram todos negros: calça, moletom, mochila nas costas. Mas não era pedante. A cor negra era como se fosse sua cor natural. Levava a mochila em um dos ombros, com a mão esquerda segurava a alça. Trotava na minha frente, seguro de si. Eu, apressada, o passei, mas voltamos a nos encontrar em um sinal fechado para os pedestres. Não sei se me notou, mas eu o notei. Algo nele me chamou a atenção. Não era bonito, ao menos não na concepção generalizada que todos têm da beleza humana. Mas sua figura altiva demonstrava inteligência e sensibilidade. Seu passo e foco no próprio caminho demonstrava que não apreciava andar pelas ruas sujas de Curitiba com frequência.

(As pessoas interessantes se escondem. Escondem-se do mundo. Aquelas com as quais eu gostaria de dividir a companhia dificilmente andam pelas ruas, frequentam bares, entram no mesmo elevador que eu. E, quando resolvem aparecer, passam como fantasmas fugindo deste mundo, andando rápido, querendo desaparecer logo de vista. Também eu me escondo.)

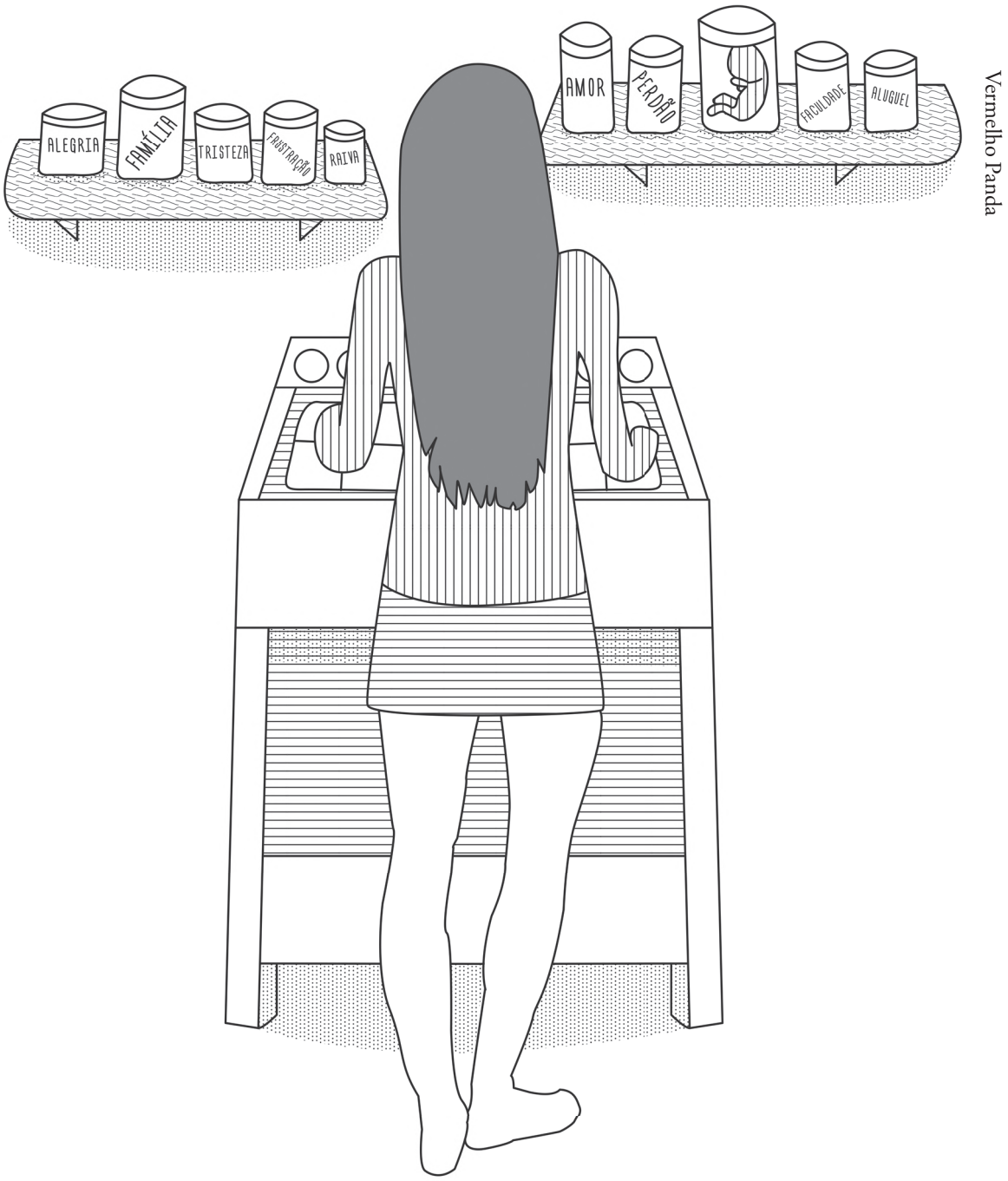
Assim avançamos pela avenida movimentada, às 19h de uma sexta-feira. Vez eu andava na frente, vez estava atrás. Fui observando, curiosa… Onde estaria indo? Pegaria o ônibus para algum dos bairros próximos? Em que local deixaria a mochila, quando chegasse em seu destino? Beijaria os lábios da sua namorada? Cumprimentaria a mãe? Ou simplesmente iria para o chuveiro, esperando encontrar um bom livro para ler no final do dia?

Imaginei nós dois andando mais próximos, com uma tênue, mas poderosa, união: as mãos dadas. Apenas isso. Eu e ele, mantendo o mesmo passo, o ritmo rápido, alheio de nós mesmos e de toda a confusão metropolitana que se instalava ao nosso redor. Quando se tem uma boa companhia, qualquer cidade vazia e confusa torna-se cheia de esperanças.

Senti um aperto no peito. Existem milhares de pessoas que amaríamos se conhecêssemos: mas nunca conhecemos. Talvez eu tenha me apaixonado por míseros dez minutos, por uma personalidade criada sobre uma figura aparentemente apaixonante.

Pensei numa abordagem e em suas consequências, mas obviamente jamais faria tal coisa. Pensei também que, não o tendo abordado, poupei nossas vidas de mais miséria em histórias que não dão certo. Mais dor e mais sofrimento. Observei ele seguir adiante na frente da Catedral, enquanto eu virava à direita. Senti um alívio por ele, por tê-lo poupado de tudo que não foi e nunca será. Sem ter começado a escrever uma única palavra da nossa história.

O mundo está repleto de pessoas. Muitas delas se escondem e outras passam trotando ao nosso lado. Podem ser os amores de nossas vidas, e nunca sabemos. Nunca saberemos. •



Vermelho Panda

Stefano Calgaro

agora não ia até o fim
parto ou não parto
a beleza não será
(d)os que sabem
dos crivos
das mãos em riste
mas isso não está
tão perto de nós
mal podemos ver
o uso ––
trosquear e ralhar os
crivos falar de viagens
sem guias turísticos
irmãscatatônicas
canetas secas
impulso ao futuro através da quebra
é essa coisa que cir
cunda
(n)uma lâmpada
tentando rachar o
escuro
é de mão em mão é uma dança
é um levante
é um assalto •

Julie Fank

A N A CO LUTO PARA LAERTEN

"Homem, torna-te no que és."
Píndaro

a imprensa me jantou com garfoefaca. foi em 2009. quase 60, casado, filhos crescidos, namorada, saiaeblusa, maquiagem, bijoux barata, praça do Arouche, salão da Dudda. o desenho já alertava desde 2004. hugomuriel, mãe de minha incrongruência, era eu, anestesiado dentro do meu armário. minha própria pele demorou 5 anos para descascar da tirinha. era 2009, parecia 60. a diferença eram os 20epoucos e o partidão. um pouco antes, 17, com um homem, dolorido. três esposas depois, invisibilidade águaabaixo, anonimato no lixo, não me deixariam mais em paz. mas a artistice não era de todo ruim, para mim, não acabou o carnaval, escolhi a fantasia de mulher e gasteiuseidigeri até ela não ser mais fantasia. adeus à cueca, uso frequente de seios e convicção absoluta de minha mulheridade, estabeleci-me dentro de mim aos 58, foi o luto, talvez. o desengonço, essa coisa encalacrada dentro de um corpo que resmungava, resmungava, resmungava. em criança, já escorregava a mão pela testa como se tivesse franja, hoje disfarço a calvície enloirecido(a) e de cabelos compridos. adotei o a da águaoxigenada, depois de descobrir que não preciso mais me chamar Sônia, mas não há como evitar a próstata. ai se não me deixam frequentar o banheiro feminino, não me visto mais de mulher, me visto de mim mesma, entre darereceber, o sexo anal é só uma parte do meu repertório. as mulheres não se enganam comigo, criadorecriatura, homememulher, quadrinistaetravesti – alguém ainda lembra disso?, comeredar, ativoepassivo, essa dupla cidadania dentro de mim, ô viado mulherzinha bicha loca um pino a menos não me ofende. a fagulha acendeu e a gelatina de carne saiu da hibernação compulsória, esse inverno de mais de meio século. é meiodia e eu excitada em frente ao guarda-roupa que não tem mais só camisetaejeans e me permite escolher entre o a e o o e terminar o nome com e – ou n – que é pra não ser injusto com os dois eus que vivem suspensos aqui dentro. este salto modesto é o centímetro que me importa, óculos modelo gatinho, graus variados de espanto. o eu, essa inconsistência semântica, tá amontoado em outros, foraedentro, dentroefora, a roupa é a nova paleta, essa caneta que desenhou a franga toda solta dentro de mim, dentro de mim. Dentro de mim. Agora, dentroefora. vou te contar, essa franga, ela adora um saiote – e sabe que às vezes um cara tem que se montar.

anacoluto para Wikipédia

O anacoluto é muito frequente no discurso oral, em que poderá ser apenas considerado um erro de construção frásica. Num texto escrito, tem o objetivo de transmitir a sensação de espontaneidade. Na frase de Almeida Garrett, "Eu, também me parece que as leio, mas vou sempre dizendo que não", o termo "eu" é posto em destaque, desligado dos outros elementos sintáticos – no resto da frase, através de uma elipse (o "eu" passa a estar apenas subentendido). Muitos autores atuais, contudo, já não classificam estes exemplos como sendo anacolutos porque consideram que não são resultado de qualquer inconsistência sintática, mas apenas um recurso de ênfase. Segundo esses mesmos autores, existe anacoluto quando uma frase se torna incompleta, como parte de um enunciado suspenso. •

Dê Almeida

29 de março

Robson Vilalba

A tarde não acabou
Ainda é possível sentir o gosto da língua dos cães misturadas ao sangue
Ainda é possível sentir as lágrimas misturadas ao gás
Gás lacrimogêneo
Gás de pimenta
Ainda é possível ouvir os gritos de socorro, as ordens à tropa, as explosões, as zombaria satisfeitas do alto dos prédios públicos
Mas só pode ser um pesadelo
A torneira de quem lava as mãos jorra sangue
Mas só pode ser um pesadelo
O espelho d'água do Palácio Iguaçu jorra sangue
Mas só pode ser um pesadelo
O choro aterrorizado rompendo a madrugada com o barulho dos helicópteros debaixo da cama
Mas só pode ser um pesadelo
Estão todos debaixo da cama
Fernando Francischini, Fernando Xavier, Beto Richa, Ademar Traiano,
Desculpa, professora, mas não fiz o dever
Acorda
Desculpa, professora, eu não tenho caneta, posso pedir emprestado?
Acorda
Desculpa, professora, não tenho livro, posso sentar com quem tem?
Acorda
Desculpa, professora, mas ontem não pude vir à escola pois estava na Praça Nossa Senhora da Salete
Acorda
Desculpa, professora, pelo braço quebrado, pelo rosto ferido, por ter perdido a visão do olho esquerdo •

Obscenidade Digital

obscenidadedigital.com

De que adiantam sonhos bons?

Rômulo Candal

As manifestações mais frequentes são parecidas com as de outras doenças mais vulgares, como a gripe e a dengue. Começa com a febre, a dor de cabeça, dor no corpo – especialmente nas batatas-da-perna. Podem também ocorrer vômitos, diarréia e tosse. Nas formas mais graves, a pessoa pode ficar com a pele e os olhos amarelos, o que é tecnicamente chamado de icterícia, e há a necessidade de cuidados especiais como internamento hospitalar. O enfermo pode apresentar também hemorragias, meningite, insuficiência renal, hepática e respiratória. O último e infalível sintoma é a vontade de morrer.

Muitos têm essa vontade atendida. Quarenta porcento, apontam estudos. Jorge, tendo negada essa última aspiração, foi amaldiçoado com uma sobrevida indesejada e sofrida. Seus rins nunca mais foram os mesmos – a fadiga o consome, ele toma um sem número de vitaminas, sente frio até nos climas mais agradáveis e seu hálito de amônia afasta qualquer possível desavisada que se pretenda sua companheira. Logo ele, homem de muitos amores, agora repele pessoas como fossem ímãs de pólos opostos.

Contraiu a leptospirose de um jeito inusitado, mesmo seguindo o conselho "evite entrar em contato com água de enchente" que as redes de televisão veiculam todo ano na época de chuvas. Jorge voltava bêbado de uma festa e caiu de bicicleta num esgoto a céu aberto. Em esgotos moram ratos, ratos mijam, em mijo de rato vive a leptospira, e pronto, pegou. Como achou ser uma gripe, encheu a cara de chá de limão com mel antes de ir a um médico, o que comprometeu sua recuperação. Foi por uma margem de um ou dois dias de atraso no diagnóstico que o funcionamento dos rins foi prejudicado, então no começo ele fazia questão de divulgar a todos que, em caso de sintomas de gripe que viessem acompanhados de fortes dores nas panturrilhas, procurassem um médico. Mas só no começo, porque depois até isso perdeu o sentido na vida de Jorge. A indiferença dele para com o próximo tomou conta.

De uns anos pra cá, passou a se dedicar mais às artes. Por sorte, vem de uma família rica, o que lhe garante uma existência independente de um trabalho formal que lhe tome ao menos seis horas do dia. Pinta, compõe canções e escreve poesias, mas poesias meio ruins. Jorge desenvolve conceitos interessantes, mas tem sérias dificuldades em traduzi-los em palavras. Dia desses, chegou à conclusão de que o amor é como uma doença psicossomática, pois é algo que não existe em lugar algum que não nas cabeças das pessoas. A poesia ficou assim:

Que será de mim
sempre sozin
sem amor, enfim.

Se bem que o amor,
é fogo que arde,
é fogo que arte,
mas nem existe de fato.

É psicossomático,
como vivêssemos no ático
de uma única razão.

Ruim, muito ruim. Dois amigos mais chegados pensaram em alertar Jorge para o fato de que a sonoridade da palavra "psicossomático" talvez não fosse lá muito adequada em termos poéticos. Mas desistiram, que Jorge já andava deprê demais por aqueles dias, e preferiram massagear o ego do colega. É um pouco triste um escritor desprovido de qualidade textual, mas são esses os dias em que vivemos, não é mesmo? Cada um de nós traz em si um pouco de todas as coisas e um muito de quase nada, nesses tempos de internet e conhecimento *on-demand*. Mas, voltando – os amigos desistiram de criticar, até porque ele é muito interessante em outras áreas das artes, especialmente nas artes plásticas. Sua obra-prima, "Dois Pianos Queimam Ao Som De Um Terceiro Piano", uma perturbadora tela em tinta óleo, de 1,5m x 2m, está sendo negociada para uma exposição na Europa. A família torce, na esperança de que isso traga algum alento àquela pobre alma, enquanto Jorge dá a mínima. No fundo, o maior e único plano dele para o futuro é a morte.

Mas o fator mais significativo que se alterou na vida pós-leptospirose de Jorge foi o teor onírico de seu sono. Constantemente o rapaz é visitado por sonhos horríveis, uns delírios surrealistas que já passaram por incestos, chuvas de sangue, ratos gigantes que mijavam nele enquanto gargalhavam, e até dois pianos que queimavam enquanto um outro piano tocava. Esse é o único "sintoma" de que Jorge aprendeu a gostar. Algumas pessoas preferem esquecer pesadelos, mas ele não. Dos pesadelos ele acorda agradecido, por ter fugido da inquietação e do desespero que causam, e principalmente por levarem alguma emoção a uma vida já tão desnecessária. Os sonhos bons, entretanto, estes servem apenas para iludir. Os sonhos tecnicamente agradáveis, aqueles em que Jorge voa, em que joga bola, ou aqueles em que transa e acorda saciado, quando se vão, jogam Jorge de volta à vida de esgoto em que ele vive. Os sonhos bons não têm dó daqueles que sofrem acordados. ●

Daniel Zanella

Cenas Urbanas

Quase cinco

Quase cinco da manhã e não consigo dormir por motivo de: a) Pouca bebida; b) Alguns episódios da sexta temporada de *Californication*; virei o maníaco das séries agora, dessa série, actually – estou fazendo aulinhas de inglês; c) Dormi/acordei tarde ontem; d) Dois carros acabam de elevar o funk à oitava potência aqui na Avenida Atlântica de Guaratuba. Saio da cama, roubo uma cerveja da geladeira do amigo e me posiciono na sacada. Até me ocorre uma vontade de fumar, não fosse o gosto tão permanente. E eu tivesse cigarro.

São onze. Conto, à distância de uns trinta metros, seis homens e cinco mocinhas. A mais velha, se tiver 18 anos, é muito. Toca neste exato momento um trecho de uma canção da MC Ludmila, "Vem que eu vou te fazer gostoso...". É hoje. Alguns dos homens dançam, algumas das mocinhas dançam. Como tomei apenas três cervejas nas últimas seis horas, observo o espetáculo madrugueiro na rua deserta com uma certa ojeriza. Como são patéticos esses homens, penso. O que querem essas mocinhas, me pergunto. Nada de bom pode acontecer uma hora dessas.

Enquanto reflito sobre o verbo quicar, está pra acabar minha cerveja, tremo um pouco – vamos colocar na conta do frio marítimo – e as meninas + um rapaz resolvem ir embora. Os funkeiros dos carros lamentam, "Fiquem, fiquem", um tenta beijar a moça de camisa preta, deixa eu ver, camisa do Paramore, mas ela recusa, rindo, correndinho para o lado. Os rapazes lamentam muito, um até abaixa o volume do som, e as moças começam a ir embora, agora estão passando em frente à sacada. Uma delas grita: "Ei, cabeludo, ei..." e, de soslaio – que palavra! –, vejo que está me dando tchauzinho. Continuo fazendo uma ceninha para não olhá-las, não quero problemas – juro pra você que se somar a idade das cinco não dá 70 anos, a idade da mulher mais velha que já peguei – mentira. Não. Verdade. Mentira. Nunca saberemos – e elas passam, se abraçando e quase tropeçando nos tambores rústicos do mar, a vida toda pela frente. E são bem bonitas. Estão encerrando a noite e plantando solidões, algo muito defensável quando se é jovem.

Aos poucos, os homens do carro de funk parecem adentrar uma frequência mais introspectiva. Dois deles mexem no celular. Os outros dois bebem encostados na picape, não falam entre si. Resolvo, enfim, terminar a cerveja e voltar ao quarto. Nós, homens, somos bem patéticos – essa minha sina de querer classificar um gênero a partir de minha própria miséria.

Antes de fechar a porta de correr da sacada, ainda vejo um dos rapazes sentar no meio-fio e encarar o mar como se pudesse atravessá-lo. Mas o mar continuará lá, meu irmão, opressor, agressivo, *impávido que nem Muhammad Ali*. Nós que tentamos ser corretos no pensamento, mas somos muito fracos na execução, como diz Hank Moody no último episódio antes de amanhecer. Nós que, em vão, tentamos fortalecer o que nos deixa sempre quebrados – já não sei quem estou roubando aqui.

Boa noite, companheiros. •

30

Cinerário

Ademir
Demarchi

Poesia escrita com sangue

Ademir Assunção é um dos mais destacados poetas contemporâneos do país. Ele começou a vida como jornalista na Folha de Londrina e hoje vive em São Paulo. Depois de passar por leituras abalizadas de escritores, poetas e críticos que enfatizaram suas fortes imagens cinematográficas combinadas com ótima sonoridade musical, republicou o livro de poemas "Zona Branca", pela Travessa dos Editores, de Curitiba.

A experiência resultou também num CD, "Rebelião na Zona Fantasma", que, somado ao livro, são dois dos produtos mais interessantes da poesia crítica que tem sido feita ultimamente no Brasil. Segundo ele, é "um livro furioso, desencantado, de alguma maneira, mas também com uma visão sutil da vida e da poesia", escrito por um poeta que poderia ser entrevisto num dos versos: "Sou um homem só olhando o céu / na noite fria através da janela".

"Zona Branca" é um presídio de segurança máxima, inspirado na ópera-rock *Joe's Garage*, de Frank Zappa, para onde são enviados os rebeldes, dissidentes e arruaceiros.

Situado numa outra dimensão do *espaçotempo*, os presidiários são submetidos à incomunicabilidade total, embora possam ver em detalhes tudo o que está acontecendo no chamado mundo real. Nele, a cooptação de artistas é moeda corrente para transformá-los em celebridades e burgueses decadentes; a manipulação de fatos e ideias, por sua vez, mantém no ostracismo os criadores brilhantes e promove clones descartáveis para alimentar as hordas miseráveis que se humilham, matam e morrem nos semáforos e becos mal-iluminados.

Trata-se de um livro eminentemente urbano, de um poeta que se alimenta de filmes, música artes plásticas e literatura e do caldo que sai dos meios de comunicação de massa, cuja epígrafe inicial é de William Burroughs e dá o tom da sua escrita: "Linguagem é um vírus".

Em meio às descrições impactantes da vida urbana, ressalta em muitos poemas um lirismo sutil, cortante, que foi bem definido por uma epígrafe de Nietzsche, afinada com outros dois livros do autor, "LSD nô" (poemas, 1994) e "A máquina peluda" (prosa, 1997): "De tudo o que se escreve, aprecio somente o que é escrito com o próprio sangue".

Eis um poema, musicado por Luiz Waack:

HOMEM SÓ

sou um homem só olhando o céu
na noite fria através da janela —

a mão esquerda apoiada no ombro
os olhos perdidos em nuvens alheias —

tive mulheres seios ondas segredos
e a mesma sede que nunca cede —

palavras arderam a pele da alma
e silêncios arrepiaram os pêlos —

sou pai sou mãe um anjo e criminoso
bebendo nacos de nuvens sem gelo —

na noite fria através da janela
um homem só olhando o céu — ●

Daniel Osiecki

Terra Incógnita

“Contos de outros cantos” – Ottávio Lourenço na Curitiba trevisaneana

No ano do nonagésimo aniversário do maior escritor curitibano, o balanço geral de bons contistas é muito positivo. Nada melhor do que honrar o nome de Dalton Trevisan, mestre de muitos escritores, celebrando uma ótima safra de jovens contistas curitibanos que produzem trabalhos relevantes no cenário local. É certo que ainda carecemos de um movimento editorial com abrangência nacional, o que não significa que o trabalho intelectual produzido aqui não seja relevante. O próprio Dalton é o maior exemplo disso, sendo reconhecido no Brasil e no exterior.

Dos nomes menos conhecidos e ainda produzindo trabalhos na Curitiba *underground*, destacam-se Homero Gomes, ReNato Bittencourt Gomes, Luiz Felipe Leprevost, Otávio Linhares e minha mais recente descoberta, Ottávio Lourenço. Com trabalhos publicados em periódicos virtuais e impressos pelo Brasil afora, Ottávio Lourenço publicou seu primeiro livro, “Sombrio e Tropical” em 2013. Músico, filósofo e escritor, nasceu em Curitiba. É vocalista e compositor da banda Choke.

Seu mais recente trabalho, “Contos de outros cantos” (Encrenca – Literatura de invenção, 2014) é um volume de contos inspirados em filmes de Alfred Hitchcock, ambientados, em sua maioria, em Curitiba. Não na Curitiba de cartão postal “para inglês ver” que tanto irrita o vampiro, mas em uma Curitiba sombria que em alguns contos lembra a velha Curitiba trevisaneana como um arquétipo de cidade. Destaque para o último conto do livro, “Corvídeos”, baseado no filme “Os pássaros”, de 1963. No conto, a protagonista Melanie viaja a Curitiba para encontrar Michel Brenner, e quando chega à capital paranaense fica sabendo de fatos estranhos: pássaros começam a atacar as pessoas (como no filme de Hitchcock).

Durante vários textos de “Contos de outros cantos”, Lourenço se utiliza com frequência da técnica descrita por António Cândido em “A personagem de ficção” como personagem real-ficcional, ou seja, personagens fictícias às quais são atribuídas identidades diferentes de suas origens.

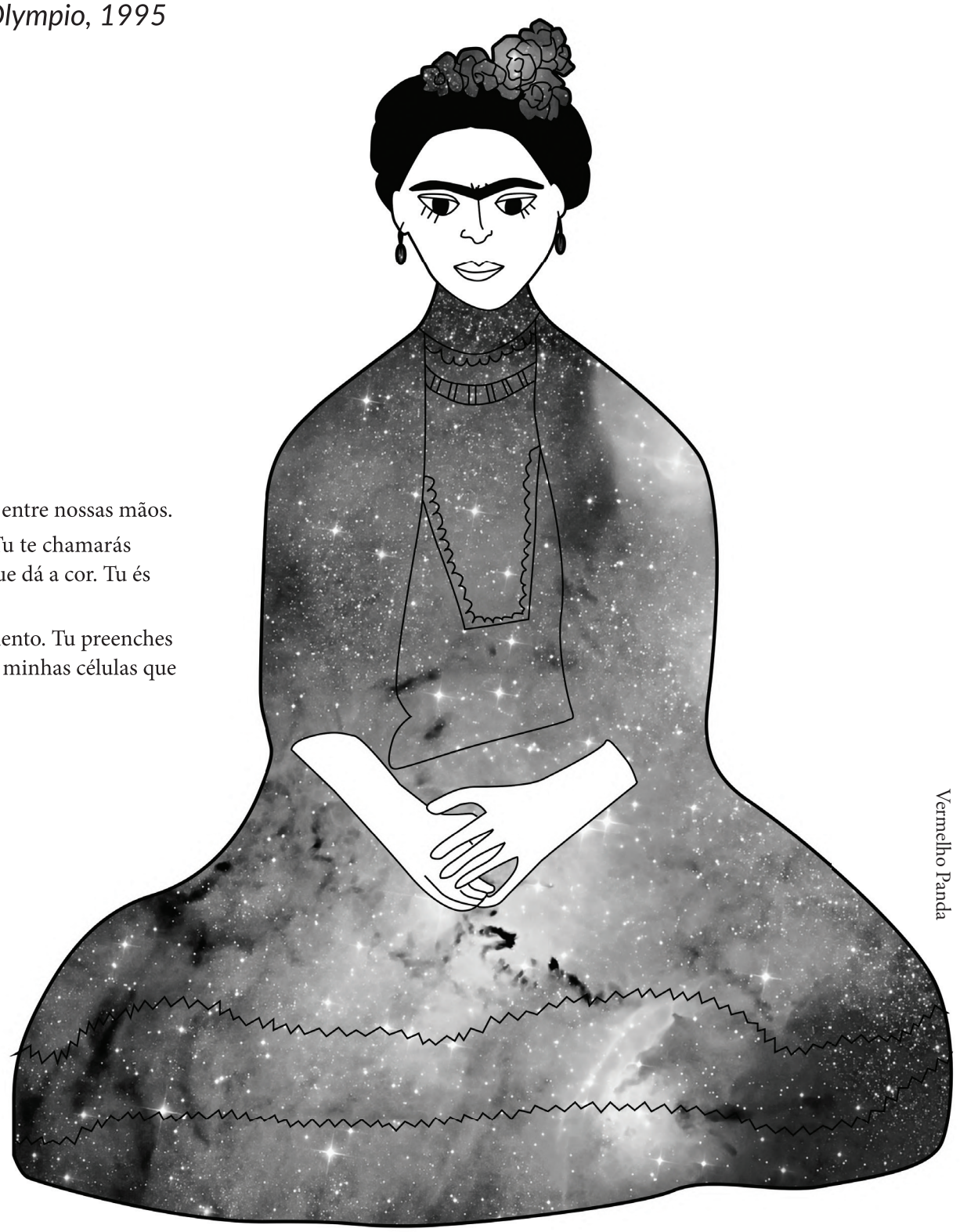
Outro conto que merece destaque é “O medo é um lugar para viver”, inspirado em “Psicose”, de 1960. O conto narra a trajetória de um ator curitibano, Denis Langres, um verdadeiro prodígio do teatro local, camaleão nos palcos que, de fato, vive a vida dos personagens que interpreta. A cada mudança de personagem, Denis também se metamorfoseia física e intelectualmente. Em alguns momentos, lembra o clássico filme de Woody Allen, “Zelig”, no qual o protagonista interpretado pelo próprio Allen adquire formas e personalidades diversas ao longo do filme. Tudo parece ocorrer bem até Denis Langres assassinar uma jovem loira. Langres estava interpretando Norman Bates e a partir desse ponto o protagonista é submetido a vários processos freudianos (muito bem usados por Lourenço) até o final da narrativa.

Outros contos como “Janela indiscreta”, “A dama oculta” e “Carnaval no Centro Cívico” também merecem destaque e são a prova de que Ottávio Lourenço é um contista nato. Assimila muito bem a técnica da narrativa curta e explora ideias densas no universo da ficção. Seu trabalho em “Contos de outros cantos” é árduo, pois os contos que compõem o livro não são meras histórias recontadas ou baseadas em filmes de Hitchcock; o autor recria elementos, situações e todo um universo sombrio hitchcockiano em uma Curitiba trevisaneana. •

FRIDA KAHLO

trad. JUSSARA SALAZAR

Trecho de 'O diário de Frida Kahlo', ed. José Olympio, 1995



Meu Diego:

Espelho da noite.

Teus olhos espadas verdes dentro de minha carne. Ondas entre nossas mãos.

Tudo tu no espaço pleno de sons – na sombra e na luz. Tu te chamarás AUTOCROMO o que capta a cor. Eu CROMÓFORO – a que dá a cor. Tu és todas as combinações dos números, a vida.

Meu desejo é entender a linha a forma a sombra o movimento. Tu preenches e eu recebo. Tua palavra percorre todo o espaço e chega em minhas células que são meus astros e vai para as tuas que são minha luz.

Vermelho Panda